

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

**FÁTIMA CHRISTINA CALICCHIO**

**A FUNÇÃO TEXTUAL- DISCURSIVA DA HIPOTAXE ADVERBIAL NO  
GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA**

MARINGÁ – PR  
2014

**FÁTIMA CHRISTINA CALICCHIO**

**A FUNÇÃO TEXTUAL- DISCURSIVA DA HIPOTAXE ADVERBIAL NO  
GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos. Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio.

MARINGÁ – PR  
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

C153f Calicchio, Fátima Christina  
A Função Textual-Discursiva da Hipotaxe Adverbial  
no Gênero Resposta Argumentativa/ . -- Maringá,  
2014.  
100 f. il. , figs.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de  
Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Programa de Pós-graduação em Letras, 2014.

1. Funcionalismo. 2. Função textual discursiva.  
3. Relações retóricas. 4. RST. 5. Hipotaxe  
adverbial. 6. Gênero resposta argumentativa, I.  
Antonio, Juliano Desiderato, orient. II.  
Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências  
Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação  
em Letras. III. Título.

CDD 22. ED.415

JLM-001933

**FÁTIMA CHRISTINA CALICCHIO**

**A FUNÇÃO TEXTUAL- DISCURSIVA DA HIPOTAXE ADVERBIAL NO GÊNERO  
RESPOSTA ARGUMENTATIVA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: Estudos Linguísticos.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Juliano Desiderato Antonio  
Universidade Estadual de Maringá - UEM  
Presidente da Banca – Orientador

---

Profa. Dra. Jacqueline Ortelan Maia Botassini  
Universidade Estadual de Maringá – UEM

---

Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

*Ao meu filho, Narsízio, meu amor ágape,  
ao meu companheiro Reginaldo Henrique,  
aos meus pais Narciso e Francisca, aos  
meus irmãos Márcio Antônio e Kátia, a  
minha menina Minerva, dedico, com  
especial carinho, este trabalho.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, a quem entrego o meu caminho e confio sempre. À minha família, aos meus queridos amigos, em especial ao amigo André William Alves de Assis, que me auxiliou na formatação do trabalho, ao meu professor e orientador, Dr. Juliano Desiderato Antonio, pelo apoio e encorajamento que me deram durante a realização deste trabalho.

Aos professores que participaram da banca, Profa. Dra. Maria Beatriz Nascimento Decat e Prof. Dr. Pedro Luís Navarro Barbosa, pelas valiosas contribuições na qualificação e à profa. Dra. Jackeline Ortelan Maia Botassini pelos apontamentos tão enriquecedores a esta pesquisa;

À professora Leila Biazon, pela ajuda com a versão do resumo para o Inglês;

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras, pela paciência e dedicação.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de estudos.

A todos, a minha gratidão.

## **A FUNÇÃO TEXTUAL- DISCURSIVA DA HIPOTAXE ADVERBIAL NO GÊNERO RESPOSTA ARGUMENTATIVA**

### **RESUMO**

Propomos, neste trabalho, analisar como a hipotaxe adverbial pode contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa. Para isso, selecionamos como objeto de análise as produções textuais que foram melhor avaliadas pela Banca de Avaliação dos candidatos ao vestibular de verão 2011 da Universidade Estadual de Maringá. Levando em consideração o panorama teórico do funcionalismo, investigam-se neste trabalho as funções textual-discursivas das orações adverbiais que funcionam como valor de guia, ponte de transição, moldura, foco, função tópica dentre outras funções na articulação de orações que podem contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa. Como aporte teórico, aliamos estudos de funcionalistas como Mann & Thompson (1988); Matthiessen & Thompson (1988), da Teoria da Estrutura Retórica. De acordo com essa teoria, as relações retóricas dão coerência ao discurso, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu, ou seja, essa teoria fundamenta-se no princípio de que, no texto, além do conteúdo explícito, emergem proposições implícitas da combinação entre porções de texto. Somam-se a esse enfoque as pesquisas de Decat (1999, 2008, 2009, 2010), de Neves (1997, 2000, entre outros) e as postulações sobre gênero defendidas por Bakhtin (2000).

**Palavras-chave:** Hipotaxe adverbial. Função textual-discursiva. Gênero Resposta Argumentativa

## TEXTUAL-DISCURSIVE FUNCTIONS OF ADVERBIAL CLAUSES IN THE ARGUMENTATIVE ANSWER GENRE

### ABSTRACT

We aim in this paper to analyze how adverbial hypotaxis can contribute to the construction of argumentativeness of argumentative answer genre. We selected as the object of analysis the textual productions that were further evaluated by the examining board of candidates for the entrance exam of Summer 2011, State University of Maringa. Considering the theoretical panorama, of the functionalism, are investigated in this work the textual-discursive functions of adverbial clauses that function as guide value, transitional bridge, frame, focus, topical function among other functions in conjunction clauses that can contribute to the construction of argumentativeness genre of argumentative response. As a theoretical contribution, we combine studies of functionalist as Mann & Thompson (1988); Matthiessen & Thompson (1988) Rhetorical Structure Theory – RST, According to this theory, the rhetorical relations give coherence to the discourse, giving unity and allowing the producer to achieve its purposes with the text produced, that is, the theory is based on the principle that in the text, in addition to the explicit content, implied propositions emerge from the combination of text portions. Added to this approach: studies of Decat (1999, 2008, 2009, 2010), Neves (1999, 2000, and others) and postulations about genre according to the view of Bakhtin (2000).

**Keywords:** hypotaxis adverbial. Textual-discursive function. Argumentative Answer Genre



## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<b>Figura 1</b> – Modelo de interação verbal .....	15
<b>Figura 2</b> – Esquema de relação núcleo-satélite.....	19
<b>Figura 3</b> – Esquema de relação multinuclear .....	19
<b>Figura 4</b> (a. b. c. d.) – Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica .....	20
<b>Figura 5</b> – Tela do <i>Systemic Coder</i> – segmentação dos dados relativos às orações adverbiais do <i>corpus</i> . .....	39
<b>Figura 6</b> – Tela do <i>Aba Scheme</i> .....	40
<b>Figura 7</b> – <i>Aba coding</i> .....	41
<b>Figura 8</b> – <i>Aba Statistics</i> .....	42
<b>Quadro 1</b> – Definição da relação retórica de Concessão .....	20
<b>Quadro 2</b> – Relação de dependência e encaixamento. ....	25
<b>Quadro 3</b> –Tipo de construção e Função textual-discursiva.....	44
<b>Quadro 4</b> – Tipo de construção e Relação Retórica da Teoria da Estrutura Retórica (RST).....	59
<b>Quadro 5</b> – Fases da sequência argumentativa .....	72
<b>Quadro 6</b> – Função Textual – Discursiva x Posição no texto .....	73

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	14
<b>1.1 A teoria funcionalista</b> .....	13
1.1.1 Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST).....	17
1.1.2 Os tipos de relações e suas definições.....	18
<b>1.2 Articulações de orações</b> .....	21
1.2.1 A abordagem tradicional da articulação de orações .....	21
1.2.2 Abordagem funcionalista da articulação de orações .....	24
<b>1.3 Materialização e funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial</b> .....	27
<b>1.4 Gêneros do Discurso</b> .....	30
1.4.1 O Gênero Resposta Argumentativa .....	33
<b>CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	36
<b>2.1 A constituição do <i>corpus</i></b> .....	36
<b>2.2 Critérios utilizados para a análise</b> .....	37
2.2.1 Fatores considerados para cruzamento na análise .....	37
2.2.2 Quantificação dos dados .....	37
<b>CAPÍTULO III - ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	43
3.1 Tipos de construção x Função textual-discursiva .....	43
3.2 Tipos de construção x Relação retórica.....	59
3.3 Função Textual-discursiva x Posição no Texto.....	71
<b>CONCLUSÃO</b> .....	92
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94
<b>ANEXOS - Definição das relações de acordo com a sua natureza</b> .....	97
ANEXO A - Relações de apresentação .....	97
ANEXO B - Relações de conteúdo .....	97
ANEXO C - Relações multi-nucleares .....	99

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, a caracterização dos gêneros textuais tem sido objeto de estudo das análises linguísticas, preocupadas com o aspecto da interação social da linguagem que se estabelece entre os participantes de um evento comunicativo. Entretanto, observa-se que esses estudos sobre os gêneros privilegiam sua função social, relegando os recursos gramaticais ao segundo plano.

Nesse sentido, considerando que a língua é um instrumento que se presta à interação social e que a descrição de seu funcionamento pode revelar muito a respeito do contexto comunicativo em que é utilizada, objetivamos, de uma maneira geral, investigar se a função textual-discursiva das orações adverbiais<sup>1</sup> presentes na articulação de orações pode contribuir para a construção da argumentatividade do gênero resposta argumentativa.

Consoante a abordagem funcionalista da linguagem, o presente trabalho parte da hipótese de que a função textual-discursiva está na base do uso das orações adverbiais, ao exibir não só relações semânticas como tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição etc., mas também funções textual-discursivas que podem propiciar o entendimento da intenção do usuário da língua ao fazer as combinações entre as orações na organização do texto (DECAT, 2009, p. 116).

Para Decat (2009), a combinação de orações não se dá necessariamente entre cláusulas adjacentes, por exemplo, uma cláusula adverbial pode estar relacionada com outra bem anterior no texto, ou se relacionar com o discurso subsequente, à maneira de “guias” ou *guidepost* nos termos de Chafe (1984).

Ainda de acordo com Decat (2009), as orações adverbiais são opções organizacionais, termo utilizado por Matthiessen & Thompson (1988) para diferenciar essas das orações encaixadas, isto é, essa autora defende que a hipotaxe adverbial funciona como opções organizacionais do texto, uma vez que o uso delas depende dos objetivos comunicativos do produtor do texto. Assim, a partir das intenções comunicativas do falante será determinada a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial. De uma maneira específica objetiva-se verificar qual a função textual-

---

<sup>1</sup> De agora em diante, o termo hipotaxe adverbial fará referência às tradicionais orações subordinadas adverbiais, assim como considerou Decat (1999).

discursiva desempenhada pela hipotaxe adverbial no gênero resposta argumentativa.

Portanto, esta pesquisa justifica-se pelo interesse em evidenciar a importância de estudos que se preocupem com os processos de articulação de orações<sup>2</sup>, considerando o contexto de uso: como o papel do usuário da língua na organização de seu discurso e sua intenção comunicativa, isto é, a partir de um olhar funcionalista, esta pesquisa contemplará, em suas análises, além do nível sintático, o contexto, bem como critérios semânticos e pragmáticos<sup>3</sup>.

O estudo que pretendemos abordar já foi tratado, de maneiras variadas, por outras pesquisas em outros *corpora* de análise. Dessa forma, com o intuito de dar algum tipo de contribuição sobre os estudos do processo de articulação de orações, investigaremos a hipotaxe adverbial, além de sua classificação proposta pelos compêndios gramaticais, em que se observa, por exemplo, que os processos de coordenação e subordinação têm seus estudos focalizados nos níveis sintático e semântico, isto é, as relações de dependência limitam-se ao nível da frase ao tomarem a forma, independentemente de sua utilização, como objeto de estudo em suas discussões.

Por esse viés, ressaltamos que a escolha do gênero textual Resposta Argumentativa para constituir nosso *corpus* justifica-se diante do provável valor social oferecido por esse gênero, ao servir à função comunicativa de manifestação crítica do produtor do texto sobre um determinado assunto, haja vista que suas produções sempre se darão de acordo com temáticas e propósitos ligados ao funcionamento do meio em que esse gênero é produzido e no qual circula.

Além desta introdução, esta dissertação estrutura-se da seguinte maneira: o Capítulo I traz a fundamentação teórica para a análise empreendida; o Capítulo II apresenta os procedimentos metodológicos seguidos na análise; o Capítulo III traz a análise e os resultados da pesquisa. E, finalmente, apresentam-se, na Conclusão, os aspectos que se mostraram mais significativos na análise. Seguem-se as Referências bibliográficas e Anexos, com o quadro das relações retóricas em que o trabalho se baseou.

---

<sup>2</sup> Nesta pesquisa, entendemos articulação de orações como a forma com que o usuário combina ou articula as orações no português em uso.

<sup>3</sup> Neste estudo, tomamos a pragmática como a teoria do uso linguístico, isto é, teoria que reconhece o uso da língua e o modo como ela é empregada na interação verbal, não estabelecendo a dicotomia entre o que é interno e externo à língua (MARTELOTTA, 2009).

# CAPÍTULO I

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, são apresentados os fundamentos que embasam teoricamente este trabalho. Primeiramente, são delineados os princípios mais importantes do funcionalismo, modelo teórico-metodológico no qual se fundamenta este trabalho. A seguir, expõem-se os principais pressupostos teóricos da Teoria da Estrutura Retórica. E, finalmente, discutem-se os processos de articulação de orações sob diferentes perspectivas, a visão tradicional e a visão funcionalista.

Em razão do modelo teórico funcionalista, a seção destaca abordagens com base nos estudos de Decat (2008, 2009, 2010), aliados aos estudos de Neves (2000), Givón (1995) e Thompson (1985), bem como as possibilidades que eles oferecem ao estudo das funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial.

Ao final, realiza-se uma revisão teórica sobre os gêneros do discurso, especificamente sobre o gênero Resposta Argumentativa, pois foi desse gênero que retiramos as ocorrências que integram o nosso *corpus* de pesquisa.

### 1.1 A teoria funcionalista

O funcionalismo é uma corrente linguística que leva em conta fatores interacionais e pragmáticos<sup>4</sup>. Essa abordagem surgiu como um movimento particular dentro do Estruturalismo Linguístico, enfatizando a função das unidades linguísticas: o papel dos fonemas, o papel da sintaxe e o papel da estrutura da sentença no contexto.

A origem do funcionalismo, segundo Martelotta (2009), atribui-se aos membros da *Escola de Praga*, especificamente do *Círculo Linguístico de Praga*, fundado em 1926 pelo linguista Mathesius, no qual destacaram-se, como principais representantes, Nikolaj, Trubetzkoy e Roman Jakobson. Esses linguistas se opunham ao ponto de vista saussuriano, com relação à distinção entre sincronia e diacronia, bem como a homogeneidade do sistema linguístico. O termo

---

<sup>4</sup> São os fatores extralinguísticos de uso social da língua como: contexto situacional, os participantes da cena comunicativa, o conhecimento das normas e convenções linguísticas e sociais pertinentes ao contexto em questão, a atribuição de papéis e as funções de cada um dos envolvidos (MARTELOTTA, 2009, p. 90).

função/funcional é contribuição desse Círculo, ao se estabelecerem os fundamentos teóricos básicos do funcionalismo e das análises que consideram os componentes discursivos e pragmáticos

A partir das propostas<sup>5</sup> desses teóricos da *Escola Linguística de Praga*, surgem várias correntes denominadas funcionalistas, como a Gramática Funcional de linha holandesa (GF) de Simon Dik (1989); a Gramática Discursivo-Funcional (GDF) de Hengeveld e Mackenzie (2008); a Gramática Sistemico-Funcional (GSF) de Halliday (1985), e a Teoria da Estrutura Retórica (RST), desenvolvida no âmbito do grupo conhecido como Funcionalismo da Costa-Oeste dos EUA e da Gramática Sistemico Funcional (GSF) de Halliday (ANTONIO, 2009).

Essas abordagens consideram o uso das expressões linguísticas na interação verbal, isto é, além de considerarem a língua um instrumento de comunicação e de interação em suas variadas situações de uso, as estruturas linguísticas são analisadas sob o ponto de vista funcional. Butler (2005) explica que é comum às teorias funcionalistas reconhecerem a importância do discurso e das relações contextuais, uma vez que a comunicação não se dá apenas por meio de frases, mas também pelo discurso.

As teorias funcionalistas defendem que a língua sofre influência de fatores extralinguísticos, isto é, defendem a concepção de que a sintaxe não é autônoma em relação à semântica e à pragmática (BUTLER, 2005). Em consonância com o que afirma Butler (2005), Antonio (2009) ressalta que, no paradigma funcional, as expressões linguísticas não são estudadas isoladamente, mas levam em conta os propósitos para os quais foram utilizadas nos textos em que ocorrem.

Para Neves (2010), o funcionalismo é uma teoria que se liga aos fins a que servem as unidades linguísticas, isto é, para a abordagem funcionalista, o estudo da língua está relacionado ao evento comunicativo, uma vez que sua organização linguística envolve, de acordo com os estudiosos do funcionalismo, aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

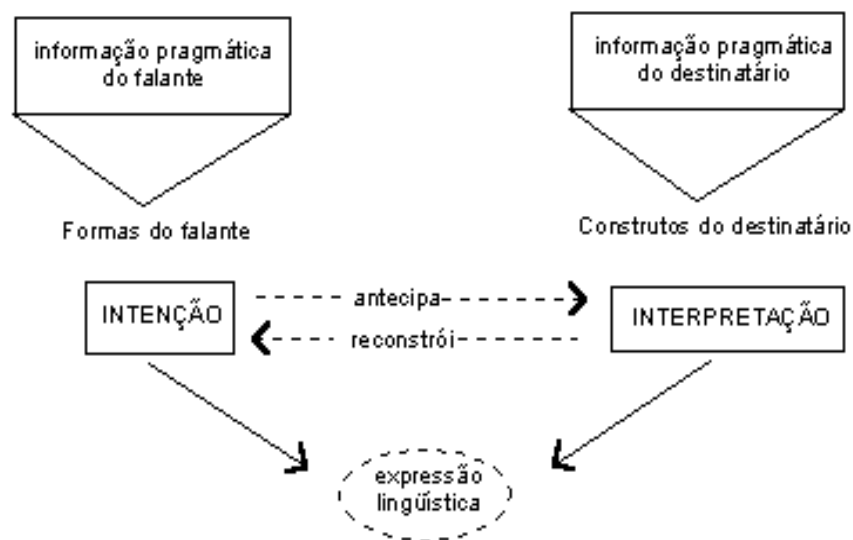
A respeito da necessidade de se estudar a língua priorizando análises de seu funcionamento em contextos sociais de interação, Dik (1989) concebe a linguagem, acima de tudo, como um instrumento de interação social entre seres humanos,

---

<sup>5</sup> Segundo Martelotta (2009), o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se por duas propostas que são as funções desempenhadas pela língua externas ao sistema linguístico e a influência das funções externas na organização interna do sistema linguístico.

usada com o objetivo primário de estabelecer relações comunicativas entre os interlocutores.

Esse linguista propôs em sua Gramática Funcional (GF) um modelo de interação verbal por meio da língua, considerada estruturada e cooperativa, estruturada porque é governada por regras, por normas e por convenções; cooperativa, porque precisa de, no mínimo, dois falantes da língua para atingir os objetivos comunicativos. Vejamos esse funcionamento que será explicitado no esquema a seguir, proposto por Dik (1989, p. 8).



**Figura 1** - Modelo de interação verbal

O modelo de interação verbal proposto por Dik tem por objetivo explicar o papel da expressão linguística na comunicação. Nesse modelo, o falante e o destinatário compartilham a informação pragmática. Esse modelo de interação verbal é motivado por essa informação compartilhada e a expressão linguística é produzida em função da intenção do falante, da informação pragmática do falante e da antecipação que ele faz da interpretação do destinatário. Este, por sua vez, interpreta a expressão linguística em função de sua informação pragmática e de suposições sobre a intenção comunicativa do falante.

Como se pode observar, o modelo de interação verbal de Dik (1989) pressupõe, em sua gramática (GF), que a sintaxe, a semântica e a pragmática não podem ser tratadas de maneira autônoma. Portanto, com base na proposta de Dik

(2009), pode-se constatar a importância de se analisar a língua no contexto comunicativo em que ela ocorre.

De acordo, ainda, com essa perspectiva, outra contribuição aos estudos de base funcionalista surge a partir dos trabalhos de Hengeveld (2004, 2005) e Hengeveld & Mackenzie (2008). Esses autores propõem uma ampliação dos estudos da Gramática Funcional de Dik (1989, 1997), Surge, então, a Gramática Discursivo-Funcional (GDF), com uma formulação de gramática que incorpora o componente discursivo.

A GDF propõe uma teoria focalizando análises de unidades textuais menores, iguais ou maiores que a oração, num modelo de organização descendente (*Top Down*). Essa perspectiva defende que a comunicação interpessoal é promovida por meio de discursos e não de orações isoladas. É inegável, portanto, a contribuição dos trabalhos dos autores da GDF para o Funcionalismo.

Conforme Neves (2010), ao tratar a língua como um mecanismo da comunicação, isto é, ao fixar-se na noção de 'função', a proposta da Gramática Sistemática Funcional de Halliday (1985) considera o papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos, servindo às pressões de uso. Para Halliday (1985), a língua é um sistema para produzir significados por meio de uma junção de situações comunicativas, isto é, o processo linguístico que compreende os interlocutores, as condições de produção e a dinâmica da situação comunicativa.

Considerando a proposta adotada por Halliday (1985), as diferentes redes sistêmicas produzem significados diversos que originam diferentes funções da linguagem. Esse autor elaborou um esquema em que, de acordo com sua concepção, as funções básicas da linguagem dividem-se da seguinte forma:

- i. Ideacional – a linguagem tem como finalidade a manifestação de conteúdos que estejam ligados à experiência que o falante possui do mundo concreto, real ou de seu universo subjetivo, interior;
- ii. Interpessoal – a linguagem é mantenedora das relações sociais, com a finalidade de expressar papéis sociais nos quais haja contato entre dois ou mais indivíduos;
- iii. Textual – a linguagem estabelece vínculos com ela mesma e está ligada às características da situação em que é usada. Nessa função, o indivíduo – falante ou escritor – é capaz de criar textos, enquanto o ouvinte ou leitor consegue distinguir um texto de um conjunto aleatório de frases. A função



textual é, pois, um instrumento das outras duas, já que sempre o ato comunicativo necessita da elaboração de discursos.

Nesse sentido, pode-se entender que Halliday (1985) concebe a língua sob dois propósitos: entender o ambiente (função ideacional) e influir sobre os outros (função interpessoal), e a função textual confere relevância à informação.

De acordo com a perspectiva hallidayana, observa-se que a linguagem é vista como um sistema de construção de significados na interação entre falantes, e, no processo de interação, significados são construídos e reconstruídos a cada vez que o sistema é acessado, conferindo, assim, à linguagem uma natureza dinâmica.

Dessa forma, os modelos funcionalistas têm em comum entre seus estudos sobre a linguagem não apenas a integração dos componentes linguísticos, mas também o reconhecimento de análises que levam em consideração o discurso em seu uso efetivo no evento comunicativo.

### 1.1.1 Teoria da Estrutura Retórica (Rhetorical Structure Theory – RST)

Neste trabalho, pretendemos relacionar o fenômeno gramatical da articulação de orações, a hipotaxe adverbial, à estrutura organizacional do texto. Por sua vez, a análise das ocorrências das redações que integram nosso *corpus* leva em conta as relações estabelecidas entre as porções do texto, bem como a função das porções do texto com os objetivos discursivos. Assim,

[...] embora as proposições relacionais se desenvolvam, em algum sentido, expandindo limites internos do texto, sendo inerentemente combinacionais, elas fazem mais do que simplesmente relacionar partes do texto. Isto é, elas não tratam somente de adjacência, precedência textual, limites das partes do texto, ou outras questões que poderiam ser derivadas da contribuição das partes. No lugar disso, expressam a ideia essencial (MANN; THOMPSON, 1983, p.16, tradução nossa<sup>6</sup>).

Matthiessen e Thompson (1988) propõem que não há como analisar as orações sem observar também os fatores pragmáticos, isto é, a consideração dos falantes vinculados a um contexto de uso. Por esse viés, torna-se relevante analisar

---

<sup>6</sup> “[...] even though the relational propositions arise in some sense spanning internal boundaries of a text, being inherently combinational, they do more than simply relate parts of text. That is, they do not simply deal with adjacency, textual precedence, boundaries of parts of text, or other matters which might be derived from the contributing parts. Instead, they convey essential subject matter.”

a hipotaxe adverbial, observando as relações que emergem das orações que se articulam.

Nesse sentido, para que possamos oferecer uma alternativa sobre o estudo da articulação de orações, especificamente da hipotaxe adverbial e sua função textual-discursiva, e das ações que se realizam na organização do texto, adotamos a Teoria da Estrutura Retórica (RST, de agora em diante), que possibilita descrever, caracterizar e analisar a organização textual.

De acordo com Mann e Thompson (1988); Matthiessen e Thompson (1988); Mann, Matthiessen e Thompson (1992), a RST é uma teoria descritiva que tem por objetivo o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto.

Segundo a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas proposições relacionais, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Conforme os estudiosos da RST, as proposições relacionais dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

### 1.1.2 Os tipos de relações e suas definições

De acordo com a RST, uma lista de vinte e cinco relações<sup>7</sup> foi estabelecida por Mann e Thompson (1988), após a análise de centenas de textos, por meio dessa teoria. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficientes para descrever a maioria dos textos.

Mann e Thompson (1988) apresentam a seguinte divisão para as funções globais das relações:

- a) Funções que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa volitiva, resultado volitivo, causa não volitiva, resultado não volitivo, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, sequência, contraste.
- b) Funções que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o

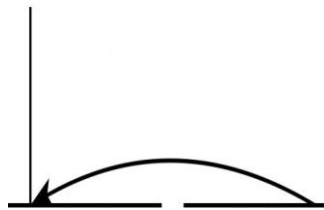
---

<sup>7</sup> A lista das relações pode ser encontrada no site disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/>.

conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo: apresentação: motivação, antítese, *background*, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

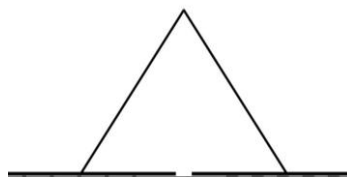
Segundo os pressupostos teóricos da RST, as porções de um texto se organizam em informações nucleares e informações satélites. A porção núcleo é representada pela letra N e a satélite, pela letra S. As porções nucleares são responsáveis pelas informações principais e as satélites, consideradas porções acessórias, pois auxiliam na compreensão e na aceitação das informações. Assim, os textos são formados por porções textuais hierarquicamente organizadas entre si, e as relações que se estabelecem podem ser de 2 tipos:

- a) Relações núcleo-satélite: uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 2, na qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.



**Figura 2** – Esquema de relação núcleo- satélite

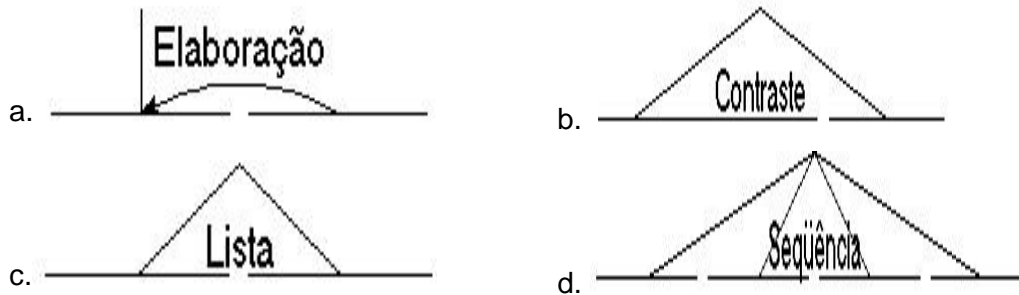
- b) Relações multinucleares: uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 3.



**Figura 3** – Esquema de relação multinuclear

Esses dois *esquemas*, representados pelas figuras 2 e 3, são padrões propostos pela RST como pré-definidos que especificam de que modo porções do texto se relacionam para formar porções maiores ou o texto todo.

Na figura 4, encontram-se os quatro tipos de esquemas possíveis na RST.



**Figura 4** (a. b. c. d.) - Tipos de esquemas utilizados na Teoria da Estrutura Retórica

A aplicação dos esquemas no texto é determinada por três convenções:

- (i) a ordem em que aparecem o núcleo e o satélite não é fixa;
- (ii) em esquemas multirrelacionais, as relações individuais são opcionais, mas pelo menos uma das relações deve ser estabelecida;
- (iii) uma relação que faz parte de um esquema pode ser aplicada quantas vezes ela for necessária na aplicação do esquema.

Para a RST, o primeiro passo na análise do texto é dividi-lo em porções textuais que podem ser constituídas por orações ou porções maiores de texto. O próximo passo é identificar as relações a partir das seguintes condições:

- a) Restrições sobre o núcleo;
- b) Restrições sobre o satélite;
- c) Restrições sobre a combinação entre o núcleo e o satélite.
- d) Efeito.

Como exemplo, considere-se a definição abaixo para a relação de Concessão.

<b>Nome da relação:</b> Concessão
<b>Restrições sobre N:</b> o enunciatório julga N válido.
<b>Restrições sobre S:</b> o enunciatório não afirma que S pode não ser válido.
<b>Restrições sobre N+S:</b> o enunciatório mostra uma incompatibilidade aparente ou em potencial entre N e S; o reconhecimento da compatibilidade entre N e S melhora a aceitação de N pelo leitor.
<b>Efeito:</b> o leitor aceita melhor N.

**Quadro 1** – Definição da relação retórica de Concessão

Para identificar as proposições relacionais, o analista baseia-se em julgamentos funcionais e semânticos, que têm como objetivo identificar a função de cada parte do texto e verificar como é produzido o efeito desejado em seu possível receptor. Esse julgamento feito pelo analista é baseado em princípios de plausibilidade, uma vez que ele tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido, das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, porém não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos possíveis receptores, por isso ele não pode afirmar que a análise está correta, pode apenas sugerir uma análise plausível (Mann &Thompson, 1988).

Portanto, ressaltamos que os critérios utilizados na análise do gênero resposta argumentativa dizem respeito a julgamentos funcionais e semânticos que objetivam identificar a função de cada porção textual, bem como perceber o efeito que o texto produz em seu receptor.

Como se observa, para descrever as relações que se estabelecem entre as orações, é determinante considerar a intenção comunicativa do enunciador, assim como a avaliação que este faz do enunciatário. Ao analisarmos a atuação da função-textual discursiva das orações adverbiais, vamos ao encontro da proposta dos estudos da RST, uma vez que essa perspectiva tem seu embasamento na vertente funcionalista, que, além de priorizar a língua em uso, considera o texto objeto de estudo.

Reconhecemos, portanto, em nosso trabalho, a relevância da RST à análise da estrutura retórica do gênero resposta argumentativa, ao evidenciar, então, o papel significativo de cada uma das partes coerentes desse gênero.

## **1.2 Articulações de orações**

### *1.2.1 A abordagem tradicional da articulação de orações*

Nesta seção, cabe revisitar conceitos sobre a articulação de orações do ponto de vista tradicional. Entretanto essa revisão não objetiva abarcar todos os teóricos da língua, mas apenas retomar os conceitos de alguns deles, a fim de oferecer uma reflexão para possibilitar um melhor entendimento da proposta que será discutida no decorrer deste estudo que objetiva oferecer novos estudos sobre o processo de articulação de orações.

Na articulação de orações, segundo os conceitos da abordagem tradicional, resultam relações de igualdade sintática ou de dependência sintática, ou seja, relações de coordenação ou de subordinação, respectivamente, em que a coordenação e a subordinação são processos sintáticos analisados dentro do período composto; por sua vez, nesse período, podem ocorrer três tipos básicos de orações: principal, subordinada e coordenada.

Cunha (1972) defende que a coordenação se constitui de orações independentes, ou seja, cada uma tem sentido próprio e não funcionam como termos de outra oração, apenas, uma pode enriquecer com o seu sentido a totalidade da outra. “Às orações autônomas dá-se o nome de **coordenadas**, e o período por elas formado diz-se **composto por coordenação**.” (CUNHA, 1972, p. 343, grifos do autor).

As orações subordinadas são classificadas como termos essenciais, integrantes ou acessórios de outra oração. Cunha (1972), assim como Rocha Lima (1979), considera os critérios semânticos para conceituar a coordenação e os sintáticos para a subordinação. Segundo esse autor, “no período composto por subordinação, há uma oração principal, que traz presa a si, como *dependente*, outra ou outras. Dependentes, porque cada uma tem seu papel como um dos termos da oração principal” (ROCHA LIMA, 1979, p. 232).

Nota-se que também Garcia (2006) considera que o período composto estrutura-se por dois processos sintáticos – a coordenação e a subordinação.

Na coordenação, que é um paralelismo de funções ou valores sintáticos idênticos, as orações se dizem da mesma natureza, devem ter a mesma estrutura sintático-gramatical e se interligam por meio de conetivas chamadas conjunções *coordenativas*. É um processo de encadeamento (GARCIA, 2006, p. 44).

Sobre as subordinadas, Garcia postula que

“não há paralelismo, mas desigualdade de funções e de valores sintáticos. É um processo de hierarquização, em que o enlace entre as orações é muito mais estreito do que na coordenação. Nesta, as orações são sempre dependentes de outra, quer quanto ao sentido quer quanto ao travamento sintático.” (GARCIA, 2006, p. 45).

Entretanto, mesmo que de maneira superficial, Garcia (2006) coloca em xeque a classificação das coordenadas e subordinadas. Conforme esse autor,

[...] as orações coordenadas se dizem independentes, e as subordinadas, dependentes. Modernamente, entretanto, a questão tem sido encarada de modo diverso. Dependência semântica mais do que sintática observa-se também na coordenação, salvo, apenas, talvez, no que diz respeito às conjunções “e”, “ou” e “nem”. Que dependência existe, por exemplo, nas orações “portanto, não sairemos”? e “mas ninguém o encontrou”? Que autonomia de sentido há em qualquer desses dois exemplos? Nenhuma, por certo. A comunicação de um sentido completo só se fará com o auxílio de outro enunciado [...] (GARCIA, 2006, p. 47).

Como se observa, apesar de Garcia (2006) expor a classificação dos processos sintáticos que se aproximam da hipotaxe e da parataxe, suas classificações limitam-se aos componentes sintático e semântico.

Ao rever os conceitos de coordenação e de subordinação, Bechara (2006) usa o termo hipotaxe ao tratar da subordinação e a define como um fenômeno de estruturação de camadas gramaticais em que uma das orações passa a funcionar como membro de outra camada inferior e, desse modo, funciona como membro sintático da outra. Assim, segundo esse autor, a hipotaxe

[...] é a propriedade oposta à hipertaxe<sup>8</sup>: consiste na possibilidade de uma correspondente a um estrato superior poder funcionar num estrato inferior, ou em estratos inferiores. É o caso de uma oração passar a funcionar como “membro” de outra oração, particularidade muito conhecida em gramática (BECHARA, 2006, p.47).

Sobre as coordenadas, esse autor explica que são sintaticamente independentes. Conforme Bechara (2006), a parataxe consiste

[...] na propriedade mediante a qual duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se nesse mesmo nível para constituir, no mesmo estrato, uma nova unidade suscetível de contrair relações sintagmáticas próprias das unidades simples desse estrato. [...] Portanto o que caracteriza a parataxe é a circunstância de que as unidades combinadas são equivalentes do ponto de vista gramatical, isto é, uma não determina a outra, de modo que a unidade resultante da combinação é também gramaticalmente equivalente às unidades combinadas (BECHARA, 2006, p.48).

---

<sup>8</sup> “[...] a hipertaxe é a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar por si só – isto é, combinando-se com zero - em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e aí opor-se a unidades próprias desse novo estrato. Assim, um monema pode, em princípio, funcionar como palavra; uma palavra como grupo de palavras, e assim sucessivamente.” (BECHARA, 2006, p. 46).

Interessante é, pois, observar que a abordagem tradicional da articulação de orações baseia-se na classificação das orações de acordo com suas funções sintáticas e semânticas, desconsiderando o componente pragmático; e o estudo limita-se ao nível da frase, isto é, a tradição gramatical apresenta para a descrição do período composto uma visão que considera a noção de dependência ou independência entre suas partes, com conceituações que nem sempre atendem à funcionalidade oracional discursiva.

### 1.2.2 Abordagem funcionalista da articulação de orações

Para Neves (2010), uma investigação de base funcionalista entra na organização dos enunciados para avaliá-los considerando sempre os componentes sintático, semântico e pragmático. Além disso, para essa autora, a abordagem funcionalista tem como proposta questionar o corte entre as tradicionais categorias subordinação e coordenação. Ainda, conforme Neves (2010),

[...] nesse amplo bloco de construções complexas o termo subordinação não pode ser simplesmente e indiscriminadamente definido como designador de construções em que uma oração exerce função sintática em outra (NEVES, p. 229)

De acordo com a visão dessa autora, pode-se inferir que, dentro do estudo da organização e da articulação de orações com uma perspectiva funcionalista, devem ser levados em conta elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Assim, a preocupação em descrever a relação entre as orações no nível do discurso<sup>9</sup>, segundo Decat (1999), tem levado estudiosos a abandonar o termo “subordinação” e examinar o fenômeno de combinação ou articulação de orações. Como aponta a autora,

[...] a sintaxe **NO** discurso, e não em sentenças isoladas, pode fornecer subsídios para uma melhor compreensão sobre a estrutura do discurso, através da investigação desse aspecto que contribui para a organização discursiva coerente e coesiva, que é a hipotaxe adverbial [...] (DECAT, 1999, p. 300, grifo da autora).

---

<sup>9</sup> O termo *discurso* está sendo tomado aqui “como todo e qualquer produto da atividade de linguagem numa situação real de comunicação” (DECAT, 1995, p. 20).



Contribuindo para os estudos funcionalistas a respeito de articulação de orações, destacam-se os estudos de Hopper & Traugott (1993, p. 169), que propõem uma organização tripartida para a combinação de orações:

- a) Parataxe – independência relativa entre as cláusulas, em que o vínculo das orações depende apenas do sentido, isto é, apresentam dependência semântica;
- b) Hipotaxe – interdependência entre as cláusulas, sendo uma cláusula núcleo e uma ou mais cláusulas margens, que não podem figurar sozinhas no discurso e, por isso, são relativamente dependentes;
- c) Subordinação ou encaixamento – total dependência entre as cláusulas em relação ao núcleo.

Esse *continuum* pode ser elaborado por combinações de características como + ou – dependente e + ou – encaixada, conforme se pode observar na figura a seguir, elaborada por Hopper & Traugott (1993) e adaptado de Neves (2002, p.171).

Parataxe >	Hipotaxe >	Subordinação
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

**Quadro 2** Relações de dependência e encaixamento (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 170).

Com base na exposição do quadro 2, nota-se que, na organização de Hopper & Traugott (1993), a subordinação pressupõe dependência e encaixamento; a parataxe caracteriza-se pela não dependência e pelo não encaixamento, e a hipotaxe diferencia-se pela dependência e pelo não encaixamento sintático. Ao se estabelecer esses três tipos de arranjos, redefine-se a terminologia entre as tradicionais subordinação e coordenação.

Em estudo anterior ao de Hopper & Traugott (1993), Halliday (1985, p. 373) já apresentava dois sistemas básicos para determinar como as orações se relacionam entre si: (i) o grau de *interdependência*: hipotaxe e parataxe e (ii) a *relação lógico-semântica*: por projeção ou por expansão.

Dessa forma, distingue-se a hipotaxe – ou subordinação – da visão tradicional da hipotaxe e da subordinação dentro da visão funcionalista, segundo a qual uma oração subordinada pressupõe encaixamento sintático em outra, enquanto que na

articulação hipotática não há encaixamento ou dependência, mas interdependência sintática. Assim, esses autores buscam uma interpretação gramatical para a articulação de orações que tenha sentido funcional no discurso.

Como se observa, para esses autores, a interdependência entre as orações não estabelece uma relação subordinada, pois uma não é parte da outra e o grau de interdependência também se dá no nível das funções discursivas, pois as relações semânticas dessas orações são relações retóricas que ocorrem entre quaisquer partes de um texto (MATTHIESSEN; THOMPSON, 1988, p. 283).

Consoante a essa perspectiva, Matthiessen e Thompson (1988) evidenciam que não há como analisar as orações sem observar também os fatores pragmáticos. Esses autores ressaltam que as orações adverbiais, muitas vezes, são inseridas em um paradigma fechado, em que suas classificações são determinadas em razão dos conectivos explícitos que as encabeçam.

Nesse sentido, Decat (1999) já apontava essa limitação quanto à articulação de orações. A autora ressalta que o “uso de noções como subordinação e dependência evidencia a inadequação dessas noções para a compreensão da natureza da hipotaxe adverbial. E acrescenta que

[...] Mesmo análises linguísticas mais modernas, trabalhando com essas noções dentro de um *continuum*, ou sob o parâmetro da integração estrutural de uma cláusula em outra, mostraram-se insuficientes por não abrirem a possibilidade de se dar conta da função a que uma cláusula adverbial serve numa porção maior de discurso [...] (DECAT, 1999, p. 302).

Ainda de acordo com Decat (1999) “tais análises mantinham-se presas ao nível sentencial e ao critério formal de presença de conectivo, o que acabava levando ao reconhecimento de um número fixo de relações”. Decat (2001) considera um problema as classificações hipotáticas se resumirem a um número fixo de relações. Na Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), por exemplo, ao se tratar a respeito das hipotáticas adverbiais, menciona-se um número limitado de orações.

Matthiessen e Thompson, por sua vez, propõem que “a combinação de orações reflete a organização retórica do discurso”, assim:

[...] relações como as de causa, condição, concessão, etc. são relações retóricas que existem entre quaisquer partes de um texto, e que podem gramaticalizar-se na combinação de orações, seja na

relação de listagem (o correspondente à parataxe, em que os membros têm o mesmo estatuto), seja na relação núcleo-satélite (o correspondente à hipotaxe, em que um membro do par é ‘ancilar’ do outro, isto é, dependente de outro, numa relação que envolve a noção de ‘satélite’ e a noção de ‘âmbito de incidência’) (MATTHISSEN; THOMPSON apud NEVES, 2010, p. 229).

Desse modo, torna-se relevante, então, empreender uma análise que, além de estar centrada nas relações mantidas entre as cláusulas que se articulam hipoteticamente, faça um exame das funções discursivas a que elas estejam servindo (DECAT, 1999, p.310).

Diante do que foi exposto, constatamos que é preciso que se estudem as orações hipotáticas levando em conta as proposições relacionais que emergem de sua articulação no discurso, pois as porções textuais<sup>10</sup> não se limitam a uma função gramatical, uma vez que há também uma função discursiva.

Uma vez apresentada a revisão geral dos processos de articulação de orações sob diferentes perspectivas, daremos início a um breve estudo a respeito da função textual-discursiva da hipotaxe adverbial.

### **1.3 Materialização e funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial**

Interessaram-nos especificamente para o desenvolvimento de nossa pesquisa os estudos de Decat (2009), sobre a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial. Essa autora explica que várias são as funções textual-discursivas que estão na base do uso das orações hipotáticas adverbiais, pois, além de exibirem a relação semântica como tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição etc., elas exercem funções textual-discursivas como guia, foco, tópico, moldura, ponte de transição, dentre outras, que podem propiciar o entendimento da intenção do usuário da língua ao fazer as combinações entre as orações na organização do texto (DECAT, 2009, p. 116). Essa autora já havia apontado, em Decat (1999) para o fato de que

[...] as adverbiais parecem formalmente dependentes, mas têm uma independência organizacional. Ora, isso leva à conclusão de que, se se pensar em termos pragmáticos, todo enunciado é dependente, já que ele requer contexto para a sua interpretação – ou, em outros

---

<sup>10</sup> Porções de texto maiores do que a oração (MANN; THOMPSON, 1983).

termos, já que ele é o produto de uma atividade de enunciação. Essa dependência pragmática será, pois, definida em termos do contexto e das relações que nele mantêm as proposições (DECAT, 1999, p. 302).

Para Decat (1999), as orações adverbiais são opções organizacionais, termo utilizado por Matthiessen e Thompson (1988) para diferenciar essas das orações encaixadas, isto é, essa autora defende que as orações adverbiais são opções, pois o uso delas depende dos objetivos comunicativos do produtor do discurso. Assim, a partir das intenções comunicativas do falante é que serão determinadas as funções textual-discursivas.

Ainda de acordo com Decat (2009), a combinação de orações não se dá necessariamente entre cláusulas adjacentes, por exemplo, uma cláusula adverbial pode estar relacionada com outra bem anterior no texto, ou se relacionar com o discurso subsequente, à maneira de “guias” ou *guidepost*.

Sobre esse tema, Chafe (1984), ao utilizar o termo *guidepost* (guia), sugere que determinadas orações adverbiais presentes em alguns enunciados servem como “guia” para o interlocutor no discurso, sinalizando um caminho de orientação para as informações seguintes.

Decat (2009) explica que a hipotaxe adverbial poderá servir a uma função tópica, funcionando como ponto de partida para a estruturação da informação. Assim a hipotaxe adverbial na combinação entre as porções textuais ao ocorrerem no início, servem a função tópica. Nesse sentido, elas podem evidenciar a intenção do produtor do texto ao construir sua argumentatividade por meio das funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial, ao servirem de ponto de partida para a estruturação da informação do que vem expresso na porção nuclear. São comuns, nessa função tópica, a hipotaxe adverbial de condição, de motivo e de tempo.

Decat (2009) ressalta que, por razões pragmáticas, o produtor pode desconsiderar o posicionamento de uma oração ao atribuir foco a determinada porção textual; a hipotaxe adverbial pode constituir, nesse sentido, uma forma de avaliação por parte do falante/produtor sobre o que vem expresso na porção do núcleo, em especial, quando posposta a esse núcleo.

Essa autora aponta que a hipotaxe adverbial concessiva sustentada pela relação tese-antítese contribui para a argumentação do discurso e, por meio dessa

articulação de orações, o falante pode fazer uma avaliação sobre o que vem expresso na porção central.

Assim como Decat (2009), Neves (2000) também constatou a função discursiva da hipotaxe adverbial a exemplo das concessivas, em que essas construções são essencialmente argumentativas; e, para essa autora, a ordem das construções concessivas obedece aos propósitos comunicativos:

Vistas de um ponto de vista pragmático, as concessivas indicam que o falante pressupõe uma objeção à sua asserção, mas que a objeção é por ele refutada, prevalecendo a sua asserção. O que está implicado, aí, é que, nas construções concessivas – como nas condicionais – existe uma hipótese, que, no caso das concessivas, é a hipótese de objeção por parte do interlocutor (NEVES, 2000, p. 874).

De acordo com essa autora, as concessivas antepostas carregam informação mais conhecida do interlocutor, isto é, essas orações ocupam uma posição mais tópica.

Nesse sentido, a autora remete ao posicionamento de Givón (1995), em que a hipotaxe, quando posposta à oração-núcleo, codifica informação nova. Para esse autor, no geral, os efeitos da posição da oração do tipo adverbial em relação à nuclear (anteposta, intercalada, posposta) se inserem no domínio pragmático-discursivo servindo a uma função de ponte de transição. Assim, “toda oração apresenta algum tipo de dependência semântico-pragmática e gramatical em relação ao contexto imediato em que é produzida” (GIVÓN 1990, 1993 apud ANTONIO, 2004, p. 37).

A par das considerações sobre as funções-textual discursivas dos autores acima citados, estão as de Thompson (1985), segundo as quais a adverbial de propósito anteposta tem a função de apresentar um problema e criar uma expectativa de solução.

Eu sugiro que uma oração adverbial de propósito anteposta forneça um quadro no qual a oração principal possa ser interpretada, e que isso ocorra por meio da sua função como conector numa corrente de expectativa - uma cadeia que está ligada da seguinte forma: 1. O ambiente, incluindo o próprio texto, bem como o conhecimento que o leitor traz a ele, cria um conjunto de expectativas. 2. Dentro deste conjunto de expectativas, há um problema, tanto porque eles podem se identificar com os objetivos dos participantes da história, ou porque eles têm seus próprios objetivos. 3. A oração de propósito

indica esse problema e ainda suscita algumas expectativas sobre a sua solução (THOMPSON, 1985, p. 61, tradução nossa<sup>11</sup>).

Como se pode observar, para essa autora, a adverbial de propósito anteposta fornece um quadro em que a porção núcleo pode ser interpretada, ao criar um conjunto de expectativas a partir da porção textual precedente e do conhecimento partilhado dos interlocutores, isto é, dentro desse conjunto de expectativas, cria-se não só um problema, como também uma expectativa de solução para esse problema.

Uma vez apresentada a revisão geral dos princípios mais importantes do funcionalismo, de algumas das abordagens funcionalistas sobre o processo de articulação de orações, seguidos dos principais pressupostos da RST, dar-se-á início à revisão teórica sobre os gêneros do discurso, em especial, ao gênero Resposta Argumentativa.

#### **1.4 Gêneros do Discurso**

Ao refletir sobre os gêneros discursivos, Bakhtin (2000) ressalta que o uso da língua se processa por enunciados orais e escritos, produzidos pelos integrantes de uma determinada esfera discursiva, isto é, para esse autor o enunciado reflete suas condições específicas e seus objetivos, pelo conteúdo, pelo seu estilo verbal, pelos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais e, especialmente, pela construção composicional. “Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Nessa perspectiva, segundo Bakhtin (2000), o uso da língua está ligado às diversas esferas discursivas da atividade humana, as quais determinam a produção de enunciados, sejam escritos ou orais, estabelecidos pelas condições específicas de produção e pelas finalidades de cada esfera discursiva; ou seja, de acordo com esse autor, as relações entre linguagem e sociedade são indissociáveis das

---

<sup>11</sup> “I suggest that an initial purpose clause provides a framework within which the main clause can be interpreted, and that it does this by means of its role as a link in an EXPECTATION CHAIN – a chain that is linked as follows: 1. The environment, including the text itself, as well as the knowledge which the reader brings to it, creates a set of expectations. 2. Within this set of expectations a problem, either because they can identify with the goals of the story participants, or because they have their own goals. 3. The purpose clause names this problem and raises further expectations about its solutions.”.

diferentes esferas da atividade humana, entendidas como domínios discursivos (jurídico, religioso, educacional, jornalístico), que dialogam entre si e produzem, em cada esfera, formas relativamente estáveis de enunciados.

Ainda de acordo com Bakhtin (2000), os gêneros discursivos são historicamente e socialmente construídos, uma vez que se relacionam diretamente às diferentes situações comunicativas que por sua vez, os determinam com características temáticas, composicionais e estilísticas. Segundo o autor,

[...] o enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada esfera, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2000, p. 279).

Em se tratando dos elementos que constituem o gênero, convém salientar que o conteúdo temático não se refere ao assunto específico de um texto, mas à finalidade discursiva, um domínio de sentido de que se ocupa o gênero (orientação de sentido para o próprio discurso e os participantes durante o evento comunicativo).

A construção composicional diz respeito ao modo de organizar o texto, de estruturá-lo e é responsável pelo acabamento da unidade de comunicação verbal, possibilitando ao interlocutor inferir a totalidade da estrutura do gênero, isto é, refere-se ao tipo de relação dos participantes da comunicação verbal (com o ouvinte, com o leitor, com o interlocutor, com o discurso do outro).

Já o estilo é uma seleção de meios linguísticos, ou seja, seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, em função da imagem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva ativa do enunciado. Entretanto, os estudos bakhtinianos priorizam o processo de produção dos gêneros do discurso ao defini-los (uma vez que aquele autor afirma que a constituição e o funcionamento do gênero se relacionam mais a uma situação social de interação).

Como se observa, Bakhtin (2000) defende a importância tanto das propriedades formais da língua, quanto do papel do locutor no uso e na construção dos sentidos. Por esse viés, os gêneros do discurso podem ser compreendidos, de modo geral, como o uso particular do discurso em função das mais diversas situações de interação social e comunicativa.

Marcuschi (2002) denomina os gêneros do discurso como gêneros textuais e acrescenta que esses gêneros são composições funcionais, com objetivos comunicativos realizáveis na interação de aspectos de ordem histórica, social, institucional, entre outras. Segundo ele,

[...] os gêneros podem ser caracterizados conforme a atividade sociodiscursiva a que servem. Quando conhecemos um gênero, conhecemos uma forma de realizar, linguisticamente, objetivos específicos em situações particulares (MARCUSCHI, 2002, p. 19-36).

Para esse autor, ao contrário dos tipos textuais (dissertativo e narrativo por exemplo), os gêneros se materializam em esferas discursivas diversas, uma vez que são resultantes e determinados por um domínio discursivo, na terminologia bakhtiniana. Conseqüentemente, o conhecimento sobre os diferentes gêneros textuais é uma ferramenta imprescindível de socialização para a inclusão funcional dos indivíduos nas atividades sociais em que se inserem.

Dessa forma, entendemos que há uma infinidade de gêneros discursivos, uma vez que eles surgem da real necessidade de interação entre os indivíduos a partir do uso efetivo da língua e se ampliam de acordo com o desenvolvimento dos domínios discursivos.

Ainda de acordo com a perspectiva bakhtiniana, os pesquisadores do grupo de Genebra<sup>12</sup>, a partir da teoria sobre os gêneros do discurso, baseando-se no pressuposto de que se comunicar oralmente e por escrito pode e deve ser ensinado sistematicamente, apresentam a proposta de se agrupar os gêneros organizando-os em cinco domínios, quais sejam, os agrupamentos da ordem

- a. do relatar;
- b. do narrar;
- c. do argumentar;
- d. do expor;
- e. do descrever ações.

---

<sup>12</sup> O grupo de pesquisadores da chamada “Escola de Genebra” – era composto por Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, A. Pasquier, Sylvie Haller, entre outros - pertence ao Departamento de Didática de Línguas da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FAPSE) da Universidade de Genebra (UNIGE) e dedica suas pesquisas tanto à constituição do interacionismo sócio-discursivo quanto a sua aplicação ao ensino de francês como língua materna. Essa equipe tem, desde os anos 80, realizado trabalhos na tentativa de modificar algumas práticas de ensino vistas como “tradicionais” e repensar a questão da formação dos professores de língua materna (ROJO, 2005).



Dentre tais agrupamentos, elegeu-se, para esta pesquisa o que trata especificamente dos gêneros ligados à argumentação.

Nesse sentido, reconhecemos que o trabalho com gêneros textuais é de fundamental importância para quem pretende entender a língua e seus usos, visto que esses gêneros variam e se modificam de acordo com as mudanças na língua.

Ademais, as produções com os gêneros textuais sempre se darão de acordo com temáticas e propósitos ligados ao funcionamento do meio em que eles são produzidos e no qual circulam.

#### 1.4.1 O Gênero Resposta Argumentativa

O *corpus* deste trabalho é constituído por um material que abrange os gêneros textuais da ordem do argumentar. Nesse sentido, torna-se relevante conceituar o que vem a ser o gênero resposta argumentativa.

Segundo Menegassi (2010), o gênero resposta argumentativa caracteriza-se essencialmente por fases da sequência argumentativa. O autor explica que o produtor do gênero pode construí-lo a partir de fases como a identificação das informações principais do texto de apoio, seleção das informações que podem responder a proposta do comando, além da apresentação da afirmação inicial, bem como a apresentação dos argumentos que sustentem a afirmação inicial.

Assim, a partir das considerações apresentadas por Menegassi (2010), é possível estruturar o gênero resposta argumentativa da seguinte forma:

- a) **Fase das premissas**, em que se propõe uma constatação, opinião ou ponto de partida;
- b) **Fase das apresentações dos argumentos**, em que se apresentam as ideias que provocam a opinião, por meio de exemplos, explicações etc.;
- c) **Fase da apresentação dos contra-argumentos**, em que se opera uma restrição em relação à orientação argumentativa. Essa restrição pode ser apoiada por exemplos, constatações, explicações, etc.;
- d) **Fase da conclusão ou da nova tese**, que integra os argumentos e contra-argumentos.

Em seus estudos sobre o gênero resposta argumentativa, Santos (2012) propõe que na elaboração desse gênero é necessário que o vestibulando compreenda o enunciado e argumente, a fim de convencer o leitor, banca de

avaliação, do seu ponto de vista. E, para tanto, o candidato precisa evidenciar provas que sustentem seus argumentos. Conforme a autora,

ao produzir uma resposta argumentativa, o autor do texto tem como objetivo responder uma pergunta, convencendo o leitor de seu ponto de vista. Para isso, ele deve retomar a pergunta, responder o que foi pedido e convencer a banca de que seu texto está correto e de que seu ponto de vista corresponde às expectativas dos avaliadores, apontando as melhores evidências para sustentar a afirmação inicial apresentada na resposta. (SANTOS, 2012, p.36)

Sobre a estruturação do gênero textual e considerando a finalidade com que o gênero resposta argumentativa é frequentemente apresentado, convém destacar os estudos de Garcia (1985), que apresentam uma valiosa contribuição sobre a construção de textos argumentativos.

Para esse autor, o parágrafo é a unidade da composição, o que significa que sua organização é essencial para a estruturação do texto. Garcia (1985) propõe que a organização de um texto seja constituída por um ou dois períodos curtos iniciais, o tópico frasal, que é a introdução da unidade de composição, a qual fornece o tema a ser desenvolvido; e o parágrafo-padrão apresenta a seguinte estrutura:

- a) **introdução** – também denominada tópico frasal, é constituída de uma ou duas frases curtas, que expressam, de maneira sintética, a ideia principal do parágrafo, definindo seu objetivo;
- b) **desenvolvimento** – corresponde a uma ampliação do tópico frasal, com apresentação de ideias secundárias que o fundamentam ou esclarecem;
- c) **conclusão** – nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a ideia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

Da relação entre a argumentação e os traços característicos do gênero resposta argumentativa, e desse gênero com a função textual-discursiva da hipotaxe adverbial, emerge a relação tanto com a forma, quanto com a função, haja vista que tanto a argumentação, quanto o gênero concebem a linguagem como um instrumento de interação social, investigando a maneira pela qual o falante usa a língua para atingir seus propósitos comunicativos.

Por esse viés, assim como considerou Santos (2012), ressaltamos que, para efeito de análise, tomaremos o tópico frasal como resposta à pergunta do comando das produções textuais que integram nosso *corpus*, visto que, segundo Garcia

(1985), é nessa porção textual que a ideia principal do parágrafo deve ser apresentada, definindo o objetivo comunicativo do produtor do gênero.

Às considerações sobre os estudos do gênero textual, Decat (2008) propõe a relação entre forma e função. “As formas recorrentes num determinado gênero, ou em um grupo de gêneros, servem à caracterização do gênero, na medida em que elas são uma decorrência dos objetivos sociocomunicativos do próprio gênero.” (DECAT, 2008, p.170). Isto é, essa autora parte do princípio de que a forma é efeito da função.

Dessa maneira, perpassa por este trabalho a ideia de que os meios linguísticos são reflexos de sua função num determinado contexto comunicativo e, para tanto, reivindicaremos a relevância tanto das postulações funcionalistas aqui apresentadas, quanto dos estudos sobre a organização dos gêneros textuais para atingir os objetivos do presente estudo.

## CAPÍTULO II

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve, primeiramente, os procedimentos adotados para a constituição do *corpus* do gênero Resposta Argumentativa. À apresentação do *corpus*, bem como sua descrição e caracterização do contexto no qual está inserido, se sucedem-se as considerações sobre os parâmetros de análise e a ferramenta computacional utilizada na pesquisa para a quantificação e o cruzamento dos dados.

#### 2.1 A constituição do *corpus*

O *corpus* deste trabalho é constituído por produções textuais do gênero Resposta Argumentativa que foram mais bem avaliados pela Banca de Avaliação de Redação do Vestibular de Verão de 2011 da Universidade Estadual de Maringá.

Como proposta de produção de um dos gêneros exigidos pela prova de redação da Universidade Estadual de Maringá, os candidatos tiveram de elaborar uma resposta à seguinte pergunta: “Como morador(a) de república, redija, em até 15 linhas, uma resposta argumentativa à pergunta: “**Morar em república é ou não uma experiência enriquecedora?**”.

O gênero resposta argumentativa caracteriza-se tanto por traços de natureza linguística quanto discursivos. Esses, por sua vez, relacionam-se ao contexto da argumentação, haja vista que o objetivo desse gênero é a persuasão, bem como a ação que dela pode originar.

Primeiramente, fizemos um recorte constituído por cem produções textuais para esta pesquisa. Posteriormente, procedemos à quantificação das ocorrências das orações adverbiais e suas posições no texto a fim de observar a recorrência dessas orações no recorte, com o objetivo de analisar se as funções textual-discursivas das orações adverbiais podem contribuir para a construção da argumentatividade do gênero Resposta Argumentativa.

## 2.2 Critérios utilizados para a análise

A pesquisa foi desenvolvida atendendo aos seguintes critérios: o de cruzamento de fatores e o de quantificação dos dados.

### 2.2.1 Fatores considerados para cruzamento na análise

- 1) **Tipo de construção:** orações com relação semântica de tempo, modo, causa /motivo, concessão, condição e finalidade. O primeiro fator de análise é o tipo de oração, ou seja, selecionaram-se as orações adverbiais na codificação dos exemplos das redações investigadas como relação semântica de tempo, modo, causa/motivo, concessão, condição, finalidade.
- 2) **Função textual-discursiva:** identificação da função textual-discursiva materializadas pelas orações adverbiais.
- 3) **Relações retóricas:** identificação das relações retóricas sinalizadas pelas orações adverbiais.
- 4) **Posição no Texto:** identificação das relações retóricas sinalizadas pela hipotaxe adverbial. Quanto às fases da sequência argumentativa observou-se a posição das orações adverbiais no: afirmação inicial, apresentação dos argumentos que sustentam a afirmação inicial, entre argumentos que sustentam a afirmação inicial ou conclusão.

### 2.2.2 Quantificação dos dados

A quantificação dos dados foi feita utilizando-se o programa *Systemic Coder*, versão 4.5, desenvolvido por *Mick O'Donnel* e disponível para *download* no site <http://www.wagsoft.com>. O programa facilita a codificação de dados, permitindo ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços linguísticos. Após a segmentação dos dados, cada segmento é apresentado ao usuário, que seleciona na tela do computador os traços pertinentes àquele segmento. Ao final, os dados são apresentados estatisticamente, podendo ser cruzados ou exportados para

outros programas estatísticos.

O esquema sistêmico criado para a análise dos dados desta pesquisa é representado nas figuras a seguir; e cada sistema e subsistema será apresentado na sequência.

Na figura 5 é exposta uma parte do esquema sistêmico criado para a segmentação dos dados. Na janela *Text*, o programa apresenta a ocorrência a ser codificada, que está em vermelho (figura 5). É função do analista, então, selecionar as propriedades referentes à oração que está sendo codificada.

Segue a ordem de aparecimento dos traços linguísticos como se pode ver na figura 5 – Tela do *Systemic Coder*, onde é possível segmentar os dados relativos às orações adverbiais. Já na figura 6, a aba *Scheme* define a ordem em que aparecerão os traços linguísticos para segmentação dos dados. A figura 7 é a aba *Coding*, que possibilita ao analista realizar a tabulação dos dados. Por fim, a figura 8 apresenta a aba *Statistics*. Essa aba possibilita ao analista fazer um cruzamento dos fatores utilizados no parâmetro de análise, dando forma à investigação da pesquisa.

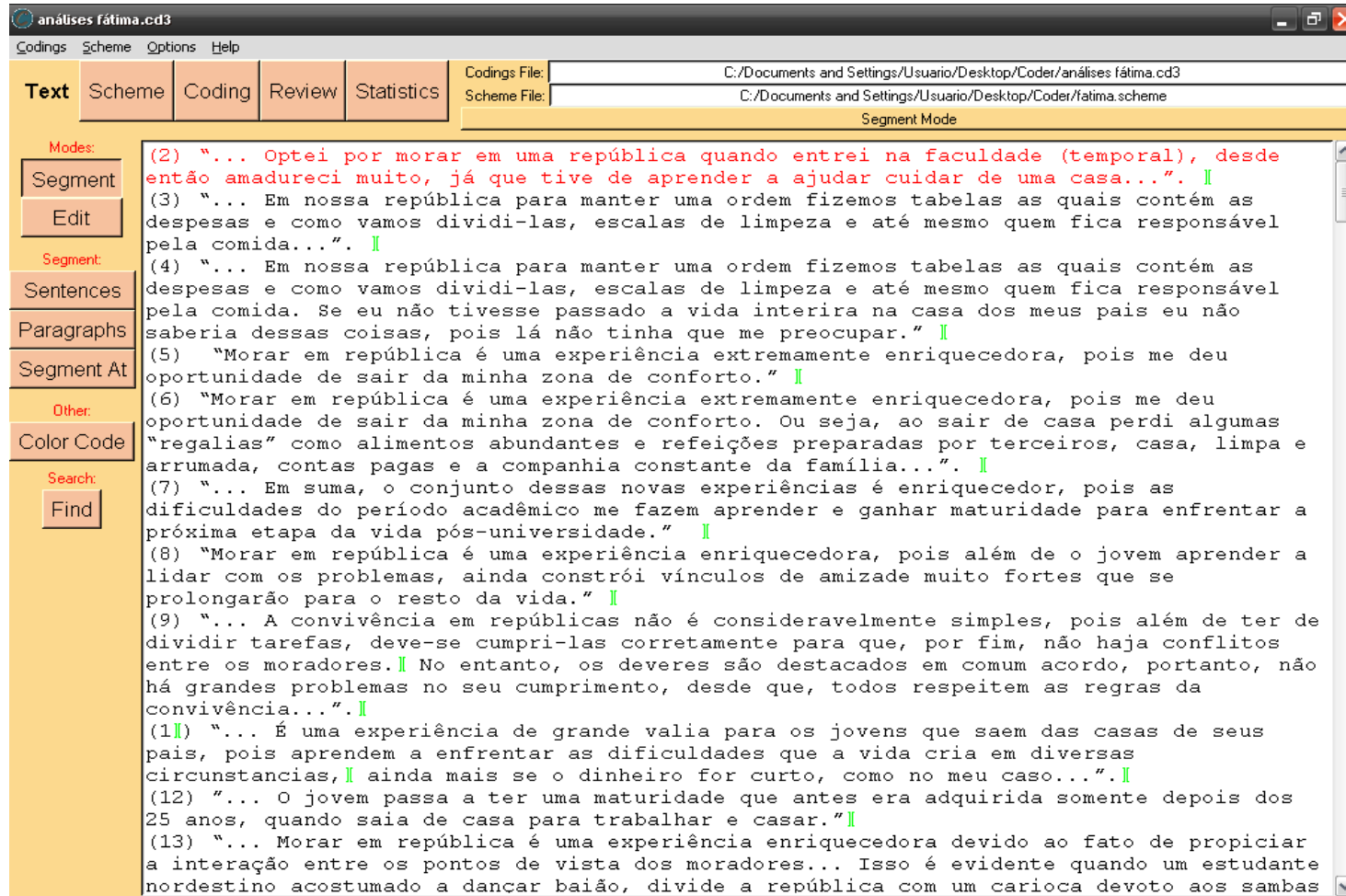


Figura 5 – Tela do Systemic Coder – segmentação dos dados relativos às orações adverbiais do corpus.

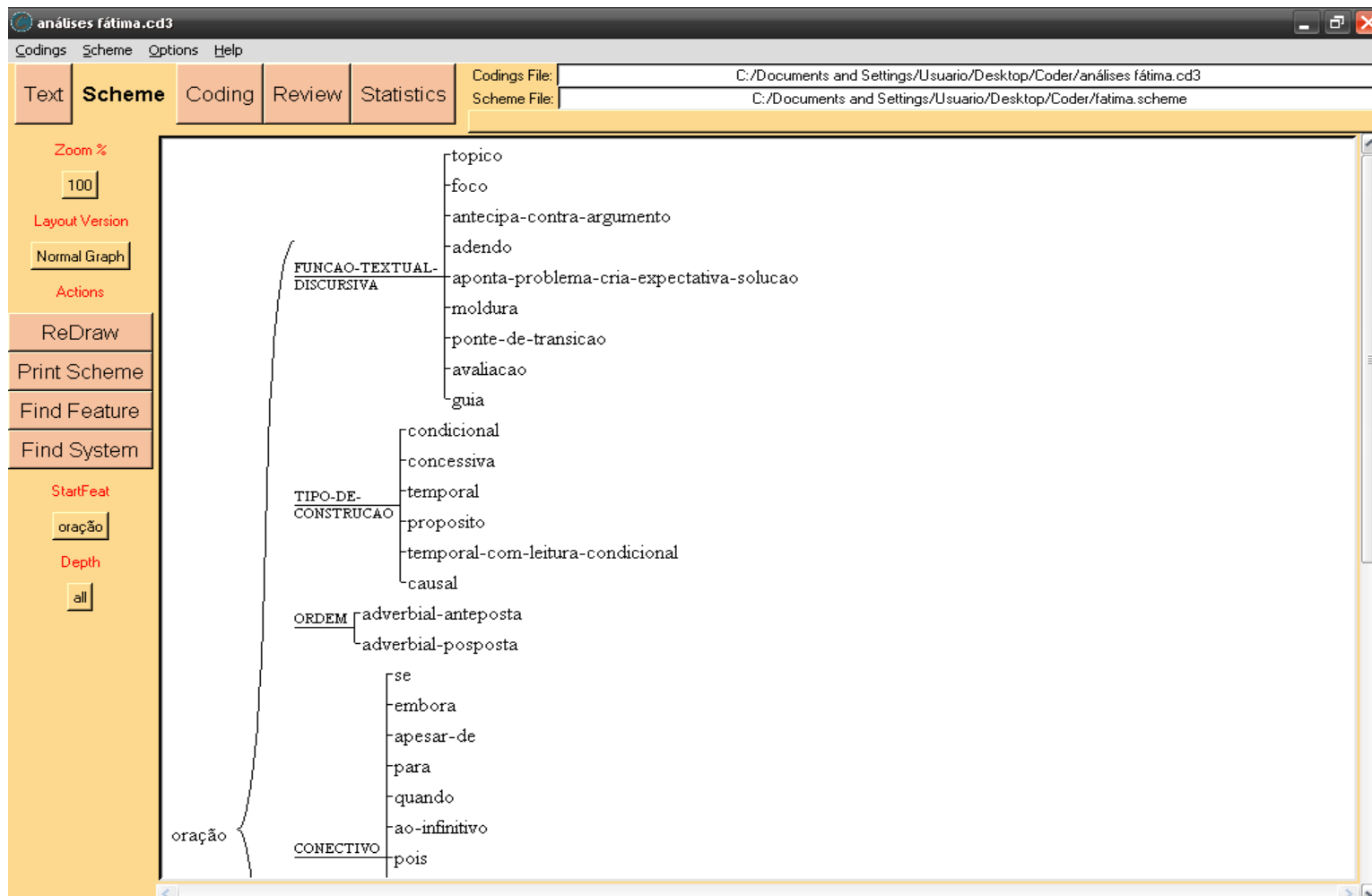


Figura 6 – Tela do *Aba Scheme*



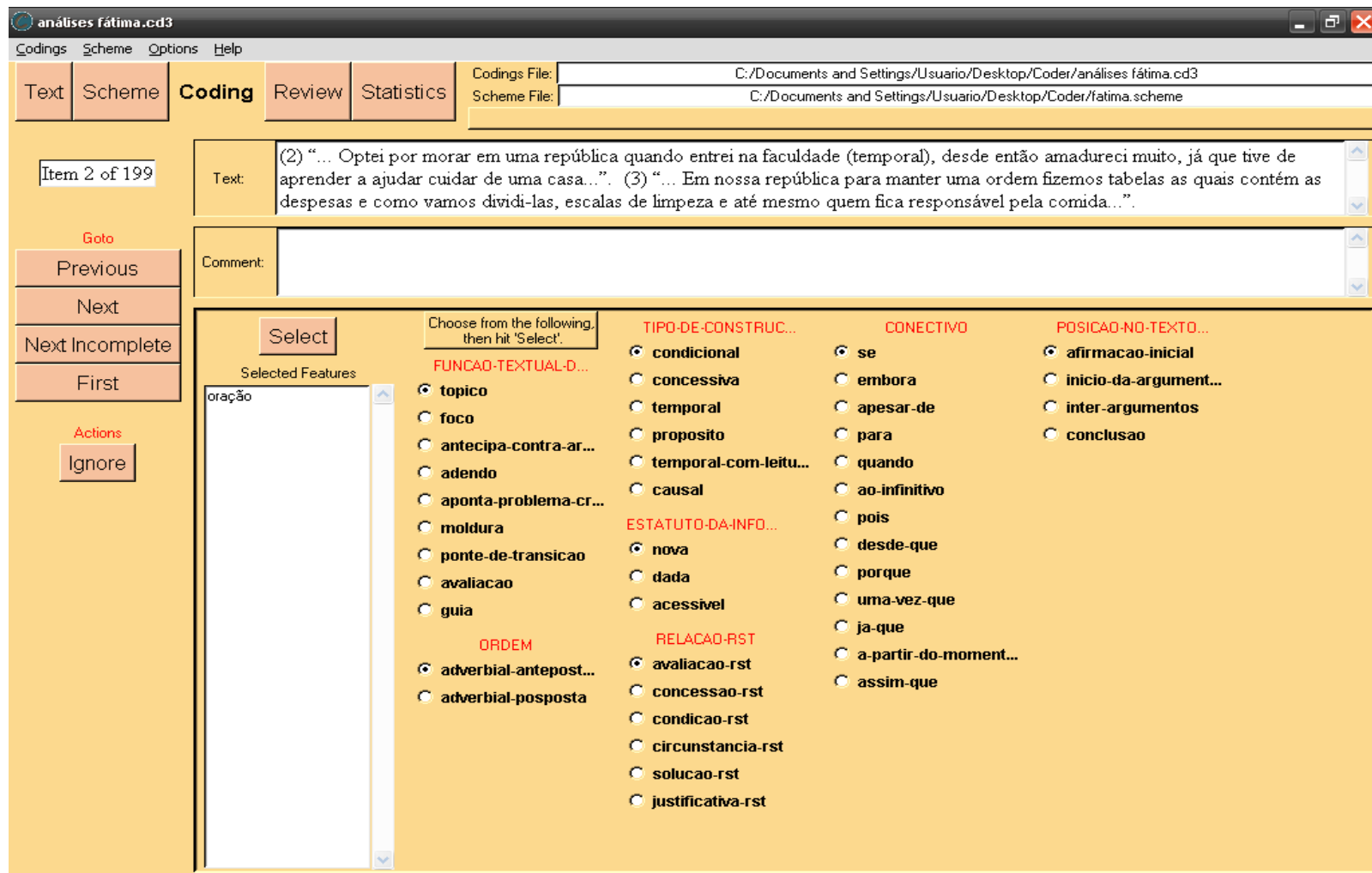


Figura 7 – Aba coding

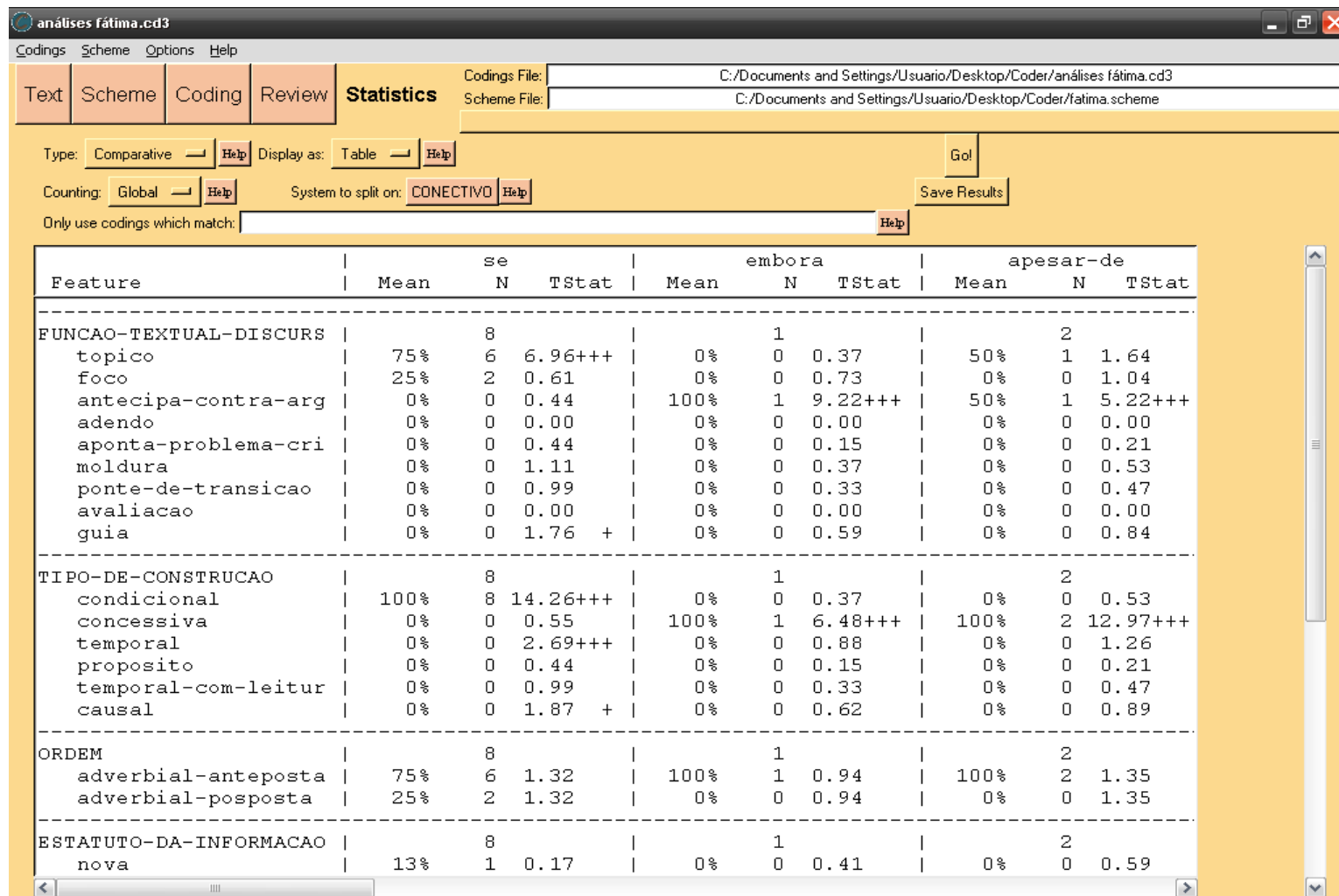


Figura 8 - Aba Statistics

## CAPÍTULO III

### ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentam-se os resultados encontrados na análise das **funções textual-discursivas** materializada pelas orações adverbiais.

Primeiramente, analisam-se os resultados obtidos a partir da aplicação dos fatores no cruzamento entre o **tipo de construção** e a **função textual-discursiva** materializada pela hipotaxe adverbial.

Posteriormente, a análise evidencia os resultados do cruzamento dos fatores **tipo de construção** e **relação retórica**.

Por fim, a análise expõe o resultado do cruzamento dos fatores **função textual-discursiva** e a **posição no texto**.

Ademais, a análise a ser desenvolvida na sequência procederá no sentido de evidenciar as **funções textual-discursivas** desempenhadas pelas orações hipotáticas adverbiais que podem contribuir para a construção da argumentação do gênero resposta argumentativa.

#### **3.1 Tipo de construção x Função textual-discursiva**

As hipóteses levantadas nesta pesquisa nos permitem vislumbrar a possibilidade da ocorrência da hipotaxe adverbial estar diretamente ligada à intenção do falante em enfatizar sua intenção comunicativa, isto é, partimos da hipótese de que não só a função textual-discursiva das orações adverbiais, mas também as relações retóricas que delas emergem contribuem para a **construção da argumentação** do gênero resposta argumentativa.

Assim, a análise a ser desenvolvida na sequência procederá no sentido de evidenciar quais foram as funções textual-discursivas desempenhadas pela hipotaxe adverbial.

Tipo de construção	Função textual-discursiva							
	Tópico	Foco	Antecipa contra argument	Adendo	Aponta problema	Moldura	Ponte	Guia
Condicional	9	9						
Concessiva			2	4				
Temporal	6					21	6	29
Propósito				4	4			
Causal		3 1						

Quadro 3: Tipo de construção X Função textual-discursiva

Conforme expõe o quadro 3, no decorrer do cruzamento dos fatores tipo de construção e função textual-discursiva, encontramos 40 ocorrências da função focal a serviço da argumentação. Dentre essas ocorrências, 31 foram realizados pela hipotaxe adverbial de causa e 9 pelas orações hipotáticas de condição.

Decat (2009) explica que, por razões pragmáticas, o produtor do texto pode não considerar o posicionamento de uma oração ao atribuir foco em uma determinada porção textual, pois a hipotaxe adverbial pode constituir, nesse sentido, uma forma de avaliação/argumentação/realce por parte do falante/produtor sobre o que vem expresso na porção do núcleo, em especial, quando posposta a esse núcleo. São exemplos da função focal.

1. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, **pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto.**” (grifo nosso).
2. “Em suma o conjunto dessas novas experiências é enriquecedor, **pois as dificuldades do período acadêmico** me fazem aprender e ganhar maturidade para enfrentar a próxima etapa da vida pós-universidade.” (grifo nosso).
3. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois além de o jovem aprender a lidar com os problemas,** ainda constrói vínculos de amizade muito fortes que se prolongarão para o resto da vida.” (grifo nosso).

4. “A convivência em república não é consideravelmente simples, **pois além de ter de dividir tarefas**, deve-se cumpri-las corretamente para que, por fim, não haja conflitos entre os moradores.” (grifo nosso).
5. “É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, **pois aprendem** a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias...” (grifo nosso).
6. “Portanto, morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois há o amadurecimento de ideias e limites, essenciais para o futuro.**” (grifo nosso).
7. “No início, fiquei apreensivo e imaginei que seria complexo interagir com os outros estudantes, **pois eles poderiam ocupar meu espaço.**” (grifo nosso).
8. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque quando vivemos em república aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.**” (grifo nosso).
9. “Morar em república pode e deve ser uma experiência enriquecedora, **desde que todos os moradores respeitem e sejam respeitados.**” (grifo nosso).
10. “Conhecemos também o real valor do dinheiro, **pois assim percebemos o quão difícil é manter um lar.**” (grifo nosso).
11. “Há também uma troca de culturas e valores, **uma vez que esse estudante se relaciona com outros constantemente.**” (grifo nosso).
12. “Morar em uma república é uma experiência enriquecedora **já que proporciona ao estudante uma oportunidade de crescer** e se desenvolver, social e psicologicamente.” (grifo nosso).
13. “Morar em república é sim uma experiência muito enriquecedora. Afirmando isso, **pois moro em república há algum tempo** e desde que passei a dividir o espaço com outras pessoas aprendi muito.” (grifo nosso).
14. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **a partir do momento em que** o jovem se permite mergulhar em uma realidade totalmente diferente da qual ele vivencia em casa em casa”. (grifo nosso)
15. “... morar em uma república é uma experiência muito enriquecedora. Isso se deve **porque, ao sair do mundo protegido de convívio familiar, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.**” (grifo nosso).

16. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que abre um horizonte de possibilidades de crescimento.**” (grifo nosso).
17. “Morar em república é uma experiência enriquecedora **pois, em primeiro lugar, sair do conforto da casa dos pais estimula a buscar, por conta própria, seu bem estar.**” (grifo nosso)
18. “Como moradora de república não associo minha rotina republicana a uma experiência, **pois é nítida a limitação de privacidade e a divergência de costumes dos moradores.**” (grifo nosso).
19. “Assim, viver em uma república poderia ser considerado uma preparação para a vida de adulto, **já que ela nos tira do círculo de proteção familiar.**” (grifo nosso).
20. “A integração do indivíduo com pessoas diferentes acaba tornando-o, enquanto ser social, mais tolerante às diferenças. Esta maior tolerância é uma mudança positiva, **já que a crescente dinâmica do mundo atual exige maior flexibilização das relações interpessoais.** (grifo nosso).
21. “Morar em república para mim é uma experiência enriquecedora, **pois possibilita o aprimoramento de valores necessários ao conviver em uma sociedade.**” (grifo nosso).
22. “Morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que, essa nova realidade longe dos pais implica em administrar o próprio dinheiro.**” (grifo nosso).
23. “Portanto, morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que o jovem torna-se mais ativo socialmente** e mais preparado para situações do cotidiano”. (grifo nosso)
24. Portanto, morar em república pode enriquecer muito a pessoa, **desde que seja bem instruída antes e saiba balancear obrigações e diversão.** (grifo nosso)
25. “Nos moradores de república, podemos estabelecer horários, como por exemplo, os horários em que se poderá receber amigos e namorados, **se ambos forem permitidos**”. (grifo nosso)
26. “Como morador de república, acredito, que viver em uma seja uma experiência enriquecedora, **uma vez que abre portas para o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade, fazendo com que, se aprenda a conviver em grupo.**” (grifo nosso).
27. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois convivendo com novas pessoas é possível amadurecer, aceitar novas**

**ideias e criar laços que poderão durar por uma vida inteira.”** (grifo nosso).

28. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que não é uma tarefa fácil.**” (grifo nosso).
29. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois traz aos estudantes maturidade, tanto emocional, por terem de viver longe dos pais, quanto racional, por terem de aprender a tolerar os colegas de quarto**”. (grifo nosso)
30. Como estudante de Direito e um dos quinze moradores de uma república, onde sou líder financeiro, afirmo que tal experiência aguça o espírito coletivo e de liderança... **pois é preciso ter iniciativa e responsabilidade.** (grifo nosso).
31. “Não podem haver mais birras, sons estupidamente altos, **já que você terá que respeitar o espaço do outro, que não é obrigado a tolerar tudo.**” (grifo nosso).
32. “Morar em república é com certeza uma experiência enriquecedora, **uma vez que o simples fato de viver sozinho com pessoas aproximadamente da sua idade, exige uma série de responsabilidades.**” (grifo nosso).
33. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois em apenas um ano morando em uma percebo o quanto me desenvolvi socialmente.**” (grifo nosso).
34. “Eu, como estudante de uma república, destaco, como um dos muitos benefícios a divisão de despesas estabelecida nesses tipos de residência, **uma vez que mudar de cidade implica em gastos extras e o orçamento do qual, em geral, dispõe os estudantes é pequeno.**” (grifo nosso).
35. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque deixamos de lado o nosso individualismo e aprendemos a conviver e respeitar o próximo.**” (grifo nosso).
36. “Nos criamos certa responsabilidade **por não estar mais morando com nossos pais.**” (grifo nosso).
37. “O aprendizado que construí sendo morador de república dificilmente teria ocorrido no mesmo período de tempo **seu eu tivesse ficado na casa dos meus pais ou tivesse optado por morar sozinho.**” (grifo nosso).

38. “os deveres são destacados em comum acordo, portanto, não há grandes problemas no seu cumprimento, **desde que, todos respeitem as regras da convivência.**” (grifo nosso).
39. “... isso nos trará uma grande e enriquecedora experiência **se tudo isso for aproveitado ao máximo.**” (grifo nosso).
40. “Aprender a cozinhar, limpar e organizar suas próprias coisas é muito importante para o desenvolvimento das pessoas, **pois ensina-os a terem responsabilidades.**” (grifo nosso).

No decorrer da coleta e cruzamento dos dados, encontramos 21 orações hipotáticas temporais a serviço da **função de moldura**.

1. “Morar em república é uma experiência enriquecedora. Me tornei um morador de república **logo quando entrei na faculdade, aos 19 anos.**” (grifo nosso).
2. “O jovem passa a ter uma maturidade que antes era adquirida somente depois dos 25 anos, **quando saia de casa para trabalhar e casar.**” (grifo nosso)
3. “Morar em república é uma experiência enriquecedora devido ao fato de propiciar a interação entre os pontos de vista dos moradores... Isso é evidente **quando um estudante nordestino** acostumado a dançar baião, divide a república com um carioca devoto aos sambas de Noel e Cartola...” (grifo nosso).
4. “É Claro que é difícil deixar de lado todo o conforto e a mordomia, mas por outro lado há muitas coisas que se tornam mais fáceis **quando estamos sem eles...**” (grifo nosso).
5. “Moro em uma república desde o início da faculdade, e hoje, no último ano do curso, sinto uma tristeza muito grande **ao me separar das meninas,** com as quais convivo.” (grifo nosso).
6. “... É a chance que temos de crescer e amadurecer, criar responsabilidade... e só damos conta disso, **quando estamos longe de casa** e temos que enfrentar certas dificuldades.” (grifo nosso).
7. “Acredito ainda que nós estudantes e moradores de república, ganhamos maturidade, **assim que saímos da casa de nossos pais.**” (grifo nosso).
8. “Muitos sofrem bastante no começo, **quando sentem** que precisam dar conta das responsabilidades que lhes foram atribuídas.” (grifo nosso).



9. "... Uma nova etapa na vida de um jovem começa **quando ele passa no vestibular.**" (grifo nosso).
10. "É importante ressaltar, que a república transforma as pessoas, de forma que elas fiquem solidárias, **ao compartilhar objetos e dividir espaços.**" (grifo nosso).
11. "Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora. Eu, como estudante moradora de uma casa com doze meninas, digo isso baseada em dois argumentos. O primeiro é o respeito mútuo que se adquire **ao conviver com pessoas completamente distintas**, cada qual com suas limitações e defeitos..." (grifo nosso).
12. "É notório que, hoje, os adolescentes são muito mais dependentes dos pais do que antigamente, **quando atingiam a idade adequada.**" (grifo nosso).
13. "Morar em república é uma experiência enriquecedora sim, pois **quando passamos a viver com pessoas diferentes**, com costumes que não são iguais aos nossos, aprendemos a ter o nosso espaço sem que esse atrapalhe o espaço do outro." (grifo nosso).
14. "O convívio pode enriquecer sua cultura, como por exemplo, **quando compartilham o gosto por música, peça de teatro, um livro ou filme.**" (grifo nosso).
15. "Aprendi a fazer minha própria comida, lavar minhas roupas, 'ralar' muito para não faltar dinheiro no fim do mês e até desligar a luz **ao sair do cômodo.**" (grifo nosso).
16. "Morar em república garante a mim o compromisso de todo mês pagar minhas contas, trabalho este antes feito pelos pais **quando morava com eles.**" (grifo nosso).
17. "Optei por morar em uma república **quando entrei na faculdade.**" (grifo nosso).
18. "Na condição de estudante, moro em uma república faz três anos, esse tempo foi suficiente para perceber que isso não tem nada de bom e muito menos enriquecedor, pelo contrário, **quando quero estudar** aparece alguém ouvindo música com volume alto, ou jogando vídeo game, enfim, alguém para expulsar minha concentração, atrapalhando meus estudos." (grifo nosso).
19. "Depois de cinco anos fazendo faculdade longe de casa e morando em república posso dizer que minha 'bagagem' está cheia. Cheia não só pelo aprendizado que a universidade, me proporcionou, mas também pela

experiência incrível que passei **ao morar com pessoas**, no começo desconhecidas e hoje amigos - que levarei no coração para o resto da vida.” (grifo nosso).

20. Morar em república é uma experiência enriquecedora, tanto culturalmente, quanto humanamente. Como estudante universitário e morador de república há três anos tornaram-me independente e pude comprovar isso **ao deixar a casa dos pais** para morar em uma casa com outros jovens como ele, o estudante passa a ter responsabilidades e papéis que antes eram desempenhados por seus pais.” (grifo nosso).
21. “Depois de anos de cursinho, **ao ser aprovado no vestibular** decidi mudar-me para uma república com mais três amigos.” (grifo nosso).

Como se pode observar, as 21 ocorrências da hipotaxe adverbial temporal evidenciam a **função de moldura**. De acordo com os estudos de Decat (2009), esse satélite adverbial apresenta a informação que o produtor considera necessária à compreensão entre as porções textuais. Por exemplo, em 1 “Me tornei um morador de república **logo quando entrei na faculdade, aos 19 anos.**”, a hipotaxe adverbial temporal cria um quadro/moldura ao limitar a informação que o falante/produtor do texto considera necessária à compreensão da informação que está contida na porção nuclear “... me tornei um morador de república...” por fornecer informações que marcam um evento/asserção circunstancialmente, e, do ponto de vista semântico, a hipotaxe adverbial temporal serve a essa função-textual discursiva.

Para Decat (2009), além dessa **função de moldura**, a hipotaxe adverbial temporal ainda poderá servir, às vezes, como **ponte de transição**, em função anafórica e catafórica simultaneamente (DECAT, 2009, p. 116). Vejamos:

1. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto”. Ou seja, **ao sair de casa** perdi algumas “regalias” como alimentos abundantes e refeições preparadas por terceiros, casa, limpa e arrumada, contas pagas e a companhia constante da família.” (grifo nosso)
2. “Sabe-se que morar em república é uma experiência enriquecedora e por vezes única na vida de um indivíduo. Aceitar as diferenças e os defeitos de diversas pessoas que compõe um grupo requer compreensão e paciência, características necessárias para uma boa convivência em sociedade. **Ao**

**tornar-se um morador de uma república**, o estudante aprende aproveitar sua liberdade com responsabilidade e adquirir também autonomia para fazer suas próprias escolhas.”

3. “Os colegas de república são, geralmente, pessoas que acabaram de deixar a casa dos pais, onde foram acostumados aos mesmos hábitos como comer nos mesmos horários – desde pequenos. **Ao passar a viver com colegas** vindos de famílias ou até mesmo de estados diferentes, essas pessoas têm de se acostumar a conviver com costumes diferentes dos seus.” (grifo nosso).
4. “Morar em república nos proporciona uma ampliação no nosso horizonte de ideias e na maneira como percebemos o mundo, por vivermos com pessoas de diferentes origens, opiniões e hábitos. **Ao termos de conviver** com as diferenças passamos a enxergá-las com outros olhos e até mesmo a incorporá-las.” (grifo nosso).
5. “Viver em república exige, além de participação nas tarefas domésticas, responsabilidade no cumprimento dos deveres e consciência entre o dever e a diversão, o respeito ao próximo, pela importantíssimo em qualquer sociedade que deseja viver em harmonia e se desenvolver. **Ao dividir a casa** e às vezes o quarto com pessoas que têm outros pensamentos, comportamentos, ideias e até cultura, exige-se de nós, e deles também, porque a convivência com o diferente é mutua.” (grifo nosso).

De acordo as ocorrências expostas, em se tratando de função anafórica e catafórica simultaneamente, evidenciamos 5 exemplos da hipotaxe adverbial temporal anteposta ao núcleo, em que essa posição inicial remete ao discurso precedente e subsequente funcionando como ponte de transição entre as porções textuais.

Conforme o quadro 1, selecionamos a hipotaxe adverbial temporal com a função textual-discursiva de **ponte de transição**, ao evidenciar uma retomada da informação da porção do texto anterior, dessa forma estabelecendo um elo entre o discurso precedente e o subsequente, como no exemplo 4 *Morar em república nos proporciona uma ampliação no nosso horizonte de ideias e na maneira como percebemos o mundo, por vivermos com pessoas de diferentes origens, opiniões e hábitos. **Ao termos de conviver** com as diferenças passamos a enxergá-las com outros olhos e até mesmo a incorporá-las.*”

No decorrer da tabulação entre o **tipo de construção x função textual-discursiva**, encontramos 29 ocorrências da hipotaxe adverbial temporal servindo à **função de guia para o leitor**.

1. “**Ao sair da casa dos pais** o estudante adquire responsabilidades – como a de pagar contas – e aprende a dar seus passos sozinhos.” (grifo nosso).
2. “**Quando moramos com nossos** pais eles nos vigiam o tempo e nos fazem cumprir suas regras.” (grifo nosso).
3. “**Quando estamos sozinhos** temos a liberdade de criar nossas próprias regras.” (grifo nosso).
4. “**Quando vivemos em república** aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.” (grifo nosso).
5. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
6. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
7. “**Quando esse jovem vai morar em uma república**, não há mais quem faça as tarefas por ele.” (grifo nosso).
8. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
9. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
10. “**Ao ingressarmos em república**, as responsabilidades caem de uma maneira brusca em nossos ombros.” (grifo nosso).
11. “**Ao sairmos de nossa cidade pequena**, onde vivemos uma vida mais calma, menos agitada, estanhamos um pouco.” (grifo nosso).
12. “**Quando um estudante sai de casa**, em média aos 18 anos, ele ainda não possui maturidade para viver sozinho”. (grifo nosso).

13. “**Quando acontecem situações de desentendimento** hoje, todos temos muita tolerância, aprendemos a ter diálogo, e a entender as necessidades uns dos outros.” (grifo nosso).
14. “**ao sair do mundo protegido de convívio familiar**, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.” (grifo nosso).
15. “**ao morar em uma república**, aprendi a organizar as despesas, a respeitar regras e a dividir os serviços de casa.” (grifo nosso).
16. “**Quando se convive**, diariamente, com um grande número de pessoas é preciso aprender a se adaptar aos anseios e as necessidades desse grupo.” (grifo nosso).
17. “**Quando o jovem sai da casa dos pais** ele perde o apoio principalmente administrativo dos mesmos.” (grifo nosso).
18. “**Ao viver coletivamente**, perde-se a liberdade existente característica da casa própria, o que pode ser bastante desconfortável.” (grifo nosso).
19. “**Quando moramos com os pais**, nos apoiamos neles e sim não adquirimos responsabilidades.” (grifo nosso).
20. “**Quando mora-se em uma república**, é praticamente inevitável que haja um crescimento na vida do estudante.” (grifo nosso).
21. “**Ao ingressarmos no ensino superior** damos um grande passo em nossas vidas.” (grifo nosso).
22. “**Ao morarmos com nossos pais** ficamos mal acostumados.” (grifo nosso).
23. “**Quando moramos sozinhos**, aprendemos a nos virar.” (grifo nosso).
24. “**Ao sair da casa dos pais** e iniciar uma vida onde o jovem torna-se responsável por si mesmo, o transforma e amadurece.” (grifo nosso).
25. “**Quando aprendemos a importância de se conviver com as pessoas**, saber dividir as tarefas da casa e cumprir com as responsabilidades é porque já ganhamos o verdadeiro espírito de morar e uma república.” (grifo nosso).
26. “**Quando o aluno sai de sua cidade** para cursar uma faculdade e decide morar em uma república, longe dos familiares, ele adquire toda a responsabilidade de seus atos.” (grifo nosso).

27. “**Ao escolher as companhias com as quais pretende-se morar** deve levar em consideração que, além de dividir as despesas, é preciso muita união e respeito.” (grifo nosso).
28. “**Muitos quando pensam em república**, logo assimilam com apenas festas, bagunças, bebidas.” (grifo nosso).
29. “**Ao deixar a casa dos pais** onde não haviam preocupações e passar a morar sozinho é um grande passo.” (grifo nosso).

As orações hipotáticas adverbiais temporais em posição anteposta ao núcleo servem à função textual discursiva de **guia**, função denominada por Chafe (1984) de *guidepost*. De acordo com esse autor, as construções hipotáticas adverbiais na função de *guidepost* fornecem ao leitor uma orientação para as informações seguintes. Por esse viés, esclarecemos que, no decorrer da tabulação dos dados, todas as orações temporais em situação de guia para o leitor, por ocorrerem no início da porção textual, direcionam o interlocutor ao discurso subsequente, delimitando, dessa forma, a informação, como podemos constatar por meio dos 29 exemplos tabulados.

Além dessas funções vistas até aqui, a hipotaxe adverbial pode servir a uma **função tópica**, funcionando como ponto de partida para a estruturação da informação. As ocorrências a seguir ilustram bem essa função.

1. **Seu tivesse passado a vida inteira na casa dos meus pais** eu não saberia dessas coisas, pois lá não tinha que me preocupar.” (grifo nosso).
2. “Não estou dizendo que esta seja a melhor experiência do mundo e nem que aprendemos essa coisas com facilidade, mas é bom sairmos de nossa zona de segurança e encararmos o mundo como ele é lá fora, e uma república é uma pequena amostra das dificuldades de convivência que teremos na sociedade, **se conseguimos passar por ela**, conseguiremos nos adaptar ao mundo.” (grifo nosso).
3. Sabemos que **se cada um não fizer a sua parte** as coisas não funcionam.” (grifo nosso).
4. “**Quando se convive** com pessoas diferentes de você, de nós em vários aspectos, sempre existem lições a serem aprendidas.” (grifo nosso).
5. “**Quando se decide** morar fora da casa dos pais é preciso estar ciente das mudanças que acontecerão e estar preparado para isso”. (grifo nosso).

6. “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas”. (grifo nosso).
7. “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.” (grifo nosso).
8. “**Se estivéssemos morando sozinho** ou com os pais as coisas talvez fossem mais fáceis.” (grifo nosso).
9. “**Se você não lava a sua roupa**, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” (grifo nosso).

De acordo com os dados do quadro 3, identificamos 9 ocorrências da hipotaxe adverbial que serviram à **função tópica**. Ao ocorrerem no início da porção textual, podem evidenciar a intenção do produtor do texto, servindo para a construção da argumentação por meio da função textual-discursiva materializada pela hipotaxe adverbial condicional, pois essa função serve de ponto de partida para a estruturação da informação do que vem expresso na porção nuclear, revelando-se, assim, como uma opção organizacional do discurso.

Dentre as 9 ocorrências da **função tópica** desempenhada pelas construções condicionais, ressaltamos que, em 4 delas, identificamos a hipotaxe adverbial com leitura temporal-condicional, como ocorreu em 4 “**Quando se convive** com pessoas diferentes de você, de nós em vários aspectos, sempre existem lições a serem aprendidas.”, 5 “**Quando se decide** morar fora da casa dos pais é preciso estar ciente das mudanças que acontecerão e estar preparado para isso.”, 6 “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas.” e 7 “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.”

No caso das construções concessivas, no cruzamento dos dados, selecionamos 3 ocorrências em posição anteposta ao núcleo.

1. “**Apesar do receio de sair de casa e morar com outras pessoas**, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida.” (grifo nosso).

2. “**Apesar de nada fácil**, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida.” (grifo nosso).
3. “**Apesar de ser preciso uma boa dose de compreensão**, essa experiência de morar em uma república, te traz o sentimento de família com o grupo.” (Grifo nosso).

Decat (2009) aponta que a hipotaxe adverbial concessiva sustentada pela relação tese-antítese contribui para a argumentação do discurso e, por meio dessa articulação de orações, o falante pode fazer uma avaliação sobre o que vem exposto na porção central, como exemplificamos em 1 “**Apesar do receio de sair de casa e morar com outras pessoas**, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida. “

Sobre os estudos das concessivas, podemos complementá-los com as considerações de Neves (2000). De acordo com essa autora, essas construções são essencialmente argumentativas e a ordem das concessivas obedece aos propósitos comunicativos.

Dessa forma, para essa autora, as concessivas antepostas carregam informação mais conhecida do interlocutor, ocupando uma posição mais tópica, em que se refuta uma possível ou previsível objeção do interlocutor e depois se faz uma asseveração. Para exemplificar essa afirmação, utilizamos o exemplo 2 “**Apesar de nada fácil**, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida.”

Portanto, por meio dos exemplos 1, 2 e 3 constatamos que as construções concessivas antepostas, ao anteciparem um contra-argumento e por constituírem-se como opções organizacionais no discurso, contribuem eficazmente aos propósitos comunicativos do falante/produtor do texto.

Para Neves (2000), quanto às construções concessivas pospostas, não se pode invocar a função de tópico discursivo, pois elas exercem a **função de adendo**. Nesse sentido, essa autora remete ao posicionamento de Givón (1995), em que a hipotaxe adverbial, quando posposta à oração-núcleo, codifica informação nova, isto é, para esse autor, no geral, os efeitos da posição da oração do tipo adverbial em relação à nuclear (anteposta,



intercalada, posposta) se inserem no domínio pragmático-discursivo ao servir como recurso importante na argumentação do produtor, candidato.

As ocorrências a seguir merecem destaque, pois ao analisá-las detectamos que ocorreu uma sobreposição de funções, visto que as ocorrências das construções concessivas pospostas, além de funcionarem como adendo ao acrescentarem uma informação nova ao contexto em forma de comentário/esclarecimento do autor, justificando-a, também servem à função focal. Sobre as concessivas funcionando como adendo, vejamos.

1. “É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, pois aprendem a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias, **ainda mais se o dinheiro for curto, como no meu caso.**” (grifo nosso).
2. “Temos que saber respeitar uns aos outros, ouvir e compreender o colega; saber argumentar em tomadas de decisões importantes **embora seja dificultoso todo esse processo no começo**; ao se adaptar com o convívio do cotidiano adquirimos experiências que levaremos por toda a vida...” (grifo nosso).
3. “As primeiras experiências surgem logo nos meses iniciais, **apesar de serem novidade a todos**”. (grifo nosso).
4. “Com certeza morar em república é uma experiência muito enriquecedora, **apesar dos pesares ela me trouxe muitos ensinamentos.**” (grifo nosso).

Nesse sentido, portanto, evidenciamos que as construções concessivas quando pospostas ao núcleo têm importante função na argumentação do produtor/falante do texto, visto que acrescentam argumentos ao seu discurso.

Outra função textual-discursiva que encontramos no decorrer da tabulação dos dados foi a função de **apresentar um problema e criar uma expectativa de solução** para o que está contido na porção nuclear.

Conforme Thompson (1985), a adverbial de propósito anteposta fornece um quadro em que a porção do núcleo pode ser interpretada. E essa oração adverbial anteposta faz isso ao criar um conjunto de expectativas a partir da porção textual precedente e do conhecimento partilhado dos interlocutores e, dentro desse conjunto de expectativas, cria-se não só um problema, como

também uma expectativa de solução. Para exemplificar a função-textual discursiva mantida pela hipotaxe adverbial de propósito anteposta, encontramos 4 ocorrências.

1. “Em nossa república **para manter uma ordem** fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida” (grifo nosso).
2. “**Para sobrar dinheiro para festas**, por exemplo é preciso economizar no supermercado ou gastos fúteis em shopping centers. Esse tipo de controle será aplicado futuramente em nossos salários quando ingressarmos no mercado de trabalho.” (grifo nosso)
3. “Como universitária e moradora de uma república, posso garantir: a experiência é fantástica! Que não é uma tarefa fácil, isso todo mundo sabe. **Para haver êxito**, é necessário uma boa dose de paciência, espírito de equipe, sem dúvida, muita sorte também.” (grifo nosso).
4. “Dividir uma casa com pessoas que têm ideias contrárias, requer antes de tudo uma boa conversa sobre as divisões dos trabalhos domésticos e também saber respeitar a privacidade do outro e suas ideias. **Para se ter uma boa convivência harmônica**. Deve haver respeito da parte de todos e quem mora em república aprende a praticar esse tipo de comportamento levando-o para qualquer lugar.” (grifo nosso).

Pode-se notar, na exposição desses exemplos, que a porção textual que precede a adverbial de propósito anteposta cria um conjunto de expectativas em relação ao “problema de morar em uma república”, do exemplo 1, como afazeres domésticos e, simultaneamente, a porção textual representada pela adverbial de propósito anteposta fornece um quadro em que o leitor deve interpretar esse conjunto de expectativas, encaminhando-o para uma solução do “problema” criado na porção anteposta à adverbial de propósito.

A seguir, apresentamos, no quadro 4, as ocorrências entre os fatores **tipo de construção X relação retórica da RST**.

### 3.2 Tipos de construção x Relação retórica

Tipos de construção	Relação Retórica da RST				
	Concessã o RST	Condiçã o RST	Circunstânci a RST	Solução RST	Justificativa RST
Condicional		12			
Concessiva	5				1
Temporal			49		1
Propósito				5	
Temporal com leitura condicional		1	1		
Causal					

Quadro 4 - Tipo de construção X Relação Retórica da RST

Segundo a RST, as relações que dizem respeito à apresentação, cujo efeito pretendido é aumentar a inclinação do enunciatário a aceitar, acreditar, concordar ou agir de acordo com o conteúdo do núcleo, são motivação, antítese, fundo, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

No decorrer da tabulação entre os fatores tipo de construção e relação retórica da RST que fazem parte da apresentação, identificamos que, do total de 115 ocorrências, 40 correspondem à relação de **Justificativa** e 5 de **Concessão**. A seguir, veremos as ocorrências da relação de **Justificativa** representadas pelas construções hipotáticas de causa.

1. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, **pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto.**” (grifo nosso).
2. “Em suma o conjunto dessas novas experiências é enriquecedor, **pois as dificuldades do período acadêmico** me fazem aprender e ganhar maturidade para enfrentar a próxima etapa da vida pós-universidade.” (grifo nosso).
3. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois além de o jovem aprender a lidar com os problemas,** ainda constrói vínculos de amizade muito fortes que se prolongarão para o resto da vida.” (grifo nosso).
4. “A convivência em república não é consideravelmente simples, **pois além de ter de dividir tarefas,** deve-se cumpri-las corretamente para que, por fim, não haja conflitos entre os moradores.” (grifo nosso).

5. “É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, **pois aprendem a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias...**” (grifo nosso).
6. “Portanto, morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois há o amadurecimento de ideias e limites, essenciais para o futuro.**” (grifo nosso).
7. “No início, fiquei apreensivo e imaginei que seria complexo interagir com os outros estudantes, **pois eles poderiam ocupar meu espaço.**” (grifo nosso).
8. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque quando vivemos em república aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.**” (grifo nosso).
9. “Morar em república pode e deve ser uma experiência enriquecedora, **desde que todos os moradores respeitem e sejam respeitados.**” (grifo nosso).
10. “Conhecemos também o real valor do dinheiro, **pois assim percebemos o quão difícil é manter um lar.**” (grifo nosso).
11. “Há também uma troca de culturas e valores, **uma vez que esse estudante se relaciona com outros constantemente.**” (grifo nosso).
12. “Morar em uma república é uma experiência enriquecedora **já que proporciona ao estudante uma oportunidade de crescer** e se desenvolver, social e psicologicamente.” (grifo nosso).
13. “Morar em república é sim uma experiência muito enriquecedora. Afirmo isso, **pois moro em república há algum tempo** e desde que passei a dividir o espaço com outras pessoas aprendi muito.” (grifo nosso).
14. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **a partir do momento em que** o jovem se permite mergulhar em uma realidade totalmente diferente da qual ele vivencia em casa em casa”. (grifo nosso).
15. “... morar em uma república é uma experiência muito enriquecedora. Isso se deve **porque, ao sair do mundo protegido de convívio familiar, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.**” (grifo nosso).
16. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que abre um horizonte de possibilidades de crescimento.**” (grifo nosso).
17. “Morar em república é uma experiência enriquecedora **pois, em primeiro lugar, sair do conforto da casa dos pais estimula a buscar, por conta própria, seu bem estar.**” (grifo nosso).

18. “Como moradora de república não associo minha rotina republicana a uma experiência enriquecedora, **pois é nítida a limitação de privacidade e a divergência de costumes dos moradores.**” (grifo nosso).
19. “Assim, viver em uma república poderia ser considerado uma preparação para a vida de adulto, **já que ela nos tira do círculo de proteção familiar.**” (grifo nosso).
20. “A integração do indivíduo com pessoas diferentes acaba tornando-o, enquanto ser social, mais tolerante às diferenças”. Esta maior tolerância é uma mudança positiva, **já que a crescente dinâmica do mundo atual exige maior flexibilização das relações interpessoais.** (grifo nosso).
21. “Morar em república para mim é uma experiência enriquecedora, **pois possibilita o aprimoramento de valores necessários ao conviver em uma sociedade.**” (grifo nosso).
22. “Morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que, essa nova realidade longe dos pais implica em administrar o próprio dinheiro.**” (grifo nosso).
23. “Portanto, morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que o jovem torna-se mais ativo socialmente** e mais preparado para situações do cotidiano”. (grifo nosso).
24. Portanto, morar em república pode enriquecer muito a pessoa, **desde que seja bem instruída antes e saiba balancear obrigações e diversão.** (grifo nosso).
25. “Nos moradores de república, podemos estabelecer horários, como por exemplo, os horários em que se poderá receber amigos e namorados, **se ambos forem permitidos.** (grifo nosso).
26. “Como morador de república, acredito, que viver em uma seja uma experiência enriquecedora, **uma vez que abre portas para o desenvolvimento da maturidade e da responsabilidade, fazendo com que, se aprenda a conviver em grupo.**” (grifo nosso).
27. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois convivendo com novas pessoas é possível amadurecer, aceitar novas ideias e criar laços que poderão durar por uma vida inteira.**” (grifo nosso).
28. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que não é uma tarefa fácil.**” (grifo nosso).

29. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois traz aos estudantes maturidade, tanto emocional, por terem de viver longe dos pais, quanto racional, por terem de aprender a tolerar os colegas de quarto.** (grifo nosso).
30. “Como estudante de Direito e um dos quinze moradores de uma república, onde sou líder financeiro, afirmo que tal experiência aguça o espírito coletivo e de liderança... **pois é preciso ter iniciativa e responsabilidade**”. (grifo nosso).
31. “Não podem haver mais birras, sons estupidamente altos, **já que você terá que respeitar o espaço do outro, que não é obrigado a tolerar tudo.**” (grifo nosso).
32. “Morar em república é com certeza uma experiência enriquecedora, **uma vez que o simples fato de viver sozinho com pessoas aproximadamente da sua idade, exige uma série de responsabilidades.**” (grifo nosso).
33. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois em apenas um ano morando em uma percebo o quanto me desenvolvi socialmente.**” (grifo nosso).
34. “Eu, como estudante de uma república, destaco, como um dos muitos benefícios a divisão de despesas estabelecida nesses tipos de residência, **uma vez que mudar de cidade implica em gastos extras e o orçamento do qual, em geral, dispõe os estudantes é pequeno.**” (grifo nosso).
35. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque deixamos de lado o nosso individualismo e aprendemos a conviver e respeitar o próximo.**” (grifo nosso).
36. “Nos criamos certa responsabilidade **por não estar mais morando com nossos pais.**” (grifo nosso).
37. “O aprendizado que construí sendo morador de república dificilmente teria ocorrido no mesmo período de tempo **se eu tivesse ficado na casa dos meus pais ou tivesse optado por morar sozinho.**” (grifo nosso).
38. “os deveres são destacados em comum acordo, portanto, não há grandes problemas no seu cumprimento, **desde que, todos respeitem as regras da convivência.**” (grifo nosso).
39. “...isso nos trará uma grande e enriquecedora experiência **se tudo isso for aproveitado ao máximo.**” (grifo nosso).

40. “Aprender a cozinhar, limpar e organizar suas próprias coisas é muito importante para o desenvolvimento das pessoas, **pois ensina-os a terem responsabilidades.**” (grifo nosso).

Na relação de **Justificativa**, o produtor/falante do texto tem como intenção aumentar a tendência de o leitor aceitar o que foi exposto no núcleo (MANN e TABOADA, 2010). Nesse sentido, podemos comprovar a atuação dessa relação por meio das 40 ocorrências das orações causais, uma vez que o produtor do gênero assumiu um ponto de vista e justificou o porquê de ter assumido esse posicionamento.

Considerando a linguagem como algo que se processa em função de necessidades e de intenções do falante e o fato de que o produtor do texto (candidato) tem no satélite o momento de persuadir o leitor (banca de avaliação das redações) e de levá-lo a uma ação por meio do seu discurso, acreditamos, portanto, que a relação de **Justificativa** funciona como mecanismo relevante e eficaz, que reflete a estratégia discursiva do candidato e fundamenta seus argumentos.

A respeito das **relações retóricas** estabelecidas pelas **construções concessivas**, encontramos 6 ocorrências.

1. “**Apesar do receio de sair de casa** e morar com outras pessoas, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida.” (grifo nosso).
2. “**Apesar de nada fácil**, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida.” (grifo nosso).
3. “É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, pois aprendem a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias, **ainda mais se o dinheiro for curto, como no meu caso.**” (grifo nosso).
4. “Temos que saber respeitar uns aos outros, ouvir e compreender o colega; saber argumentar em tomadas de decisões importantes... **Embora seja dificultoso todo esse processo no começo**; ao se adaptar com o convívio do cotidiano adquirimos experiências que levaremos por toda a vida...” (grifo nosso).
5. “As primeiras experiências surgem logo nos meses iniciais, **apesar de serem novidade a todos.** (grifo nosso).

6. “Com certeza morar em república é uma experiência muito enriquecedora, **apesar dos pesares ela me trouxe muitos ensinamentos.**” (grifo nosso).

Como podemos notar, as **relações retóricas** estabelecidas entre as **construções concessivas** são a de **Concessão** da RST, uma vez que existe uma relação de tese-antítese a qual pode contribuir para a argumentação do discurso na relação entre o núcleo e o satélite, como é o caso dos exemplos a seguir:

1. **Apesar do receio de sair de casa e morar com outras pessoas**, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida. (grifo nosso).
2. **Apesar de nada fácil**, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida. (grifo nosso).

Isto é, o produtor do texto **antecipa um contra-argumento**, favorecendo o seu discurso de maneira argumentativa. Por exemplo, os candidatos afirmam que morar em república pode ser uma experiência enriquecedora, apesar do *receio de sair de casa* como em 1 e de não ser *nada fácil* na ocorrência em 2.

A natureza dessa relação representa uma quebra de expectativa. Segundo Mann e Thompson (1988), a **Concessão** fornece uma atitude positiva do leitor em relação ao núcleo; entretanto o núcleo não se realiza, isto é, trata-se de uma relação que evidencia uma estratégia argumentativa, já que o produtor do texto, no caso, o vestibulando, precisa fazer que o leitor acredite no conteúdo expresso na porção nuclear.

Outras relações da RST que tabulamos ao cruzar os fatores tipo de construção e relação retórica são as que se referem ao assunto, cujo efeito pretendido é o de fazer com que o leitor reconheça a relação em questão: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reformulação, resumo, sequência e contraste.

Dentre essas relações, tabulamos as relações de **Solução**, **Circunstância** e **Condição** da RST.

No decorrer da tabulação dos exemplos, encontramos quatro ocorrências da relação de **Solução**, em que, segundo Mann e Thompson



(1988, p. 272), o satélite apresenta um problema, que terá solução na porção nuclear.

No caso dos exemplos encontrados da relação de **Solução**, o produtor do texto–candidato–por meio do satélite de solução, aponta o problema de se morar em uma república e, em seguida, aponta uma solução. Para confirmar essa afirmação, vejamos as ocorrências:

1. “Em nossa república **para manter uma ordem** fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida. Em nossa república para manter uma ordem fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida.” (grifo nosso).
2. “**Para sobrar dinheiro para festas**, por exemplo é preciso economizar no supermercado ou gastos fúteis em shopping centers. Esse tipo de controle será aplicado futuramente em nossos salários quando ingressarmos no mercado de trabalho.” (grifo nosso).
3. “Como universitária e moradora de uma república, posso garantir: a experiência é fantástica! Que não é uma tarefa fácil, isso todo mundo sabe. **Para haver êxito**, é necessário uma boa dose de paciência, espírito de equipe, sem dúvida, muita sorte também.” (grifo nosso).
4. “Dividir uma casa com pessoas que têm ideias contrárias, requer antes de tudo uma boa conversa sobre as divisões dos trabalhos domésticos e também saber respeitar a privacidade do outro e suas ideias. **Para se ter uma boa convivência harmônica**, deve haver respeito da parte de todos e quem mora em república aprende a praticar esse tipo de comportamento levando-o para qualquer lugar.” (grifo nosso).

Outra relação da RST que corresponde ao assunto é a de **Circunstância**, encontrada na análise das construções temporais. Do total de 115 relações, 51 foram estabelecidas pelas relações de **Circunstância**, que incidem sobre o assunto e têm por finalidade fazer que o leitor reconheça as relações estabelecidas entre as porções núcleo e satélite. A relação de **Circunstância** caracteriza-se pelo fato de o leitor reconhecer que o satélite fornece o contexto ou situação para que o núcleo seja interpretado, isto é, a porção do satélite corresponde à construção adverbial temporal, uma vez que essa porção pode fornecer e ou marcar um evento/uma circunstância.

Pode-se comprovar a atuação da porção satélite por meio de todas as 51 ocorrências dos exemplos ao evidenciarem uma circunstância/evento por meio da construção 'ao + verbo no infinitivo'.

1. “**Ao sair da casa dos pais** o estudante adquire responsabilidades – como a de pagar contas – e aprende a dar seus passos sozinhos.” (grifo nosso).
2. “**Quando moramos com nossos** pais eles nos vigiam o tempo e nos fazem cumprir suas regras.” (grifo nosso).
3. “**Quando estamos sozinhos** temos a liberdade de criar nossas próprias regras.” (grifo nosso).
4. “**Quando vivemos em república** aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.” (grifo nosso).
5. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
6. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
7. “**Quando esse jovem vai morar em uma república**, não há mais quem faça as tarefas por ele.” (grifo nosso).
8. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
9. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
10. “**Ao ingressarmos em república**, as responsabilidades caem de uma maneira brusca em nossos ombros.” (grifo nosso).
11. “**Ao sairmos de nossa cidade pequena**, onde vivemos uma vida mais calma, menos agitada, estanhamos um pouco.” (grifo nosso).

12. “**Quando um estudante sai de casa**, em média aos 18 anos, ele ainda não possui maturidade para viver sozinho. (grifo nosso).
13. “**Quando acontecem situações de desentendimento** hoje, todos temos muita tolerância, aprendemos a ter diálogo, e a entender as necessidades uns dos outros.” (grifo nosso).
14. “**ao sair do mundo protegido de convívio familiar**, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.” (grifo nosso).
15. “**ao morar em uma república**, aprendi a organizar as despesas, a respeitar regras e a dividir os serviços de casa.” (grifo nosso).
16. “Quando se convive, diariamente, com um grande número de pessoas é preciso aprender a se adaptar aos anseios e as necessidades desse grupo.” (grifo nosso).
17. “**Quando o jovem sai da casa dos pais** ele perde o apoio principalmente administrativo dos mesmos.” (grifo nosso).
18. “**Ao viver coletivamente**, perde-se a liberdade existente característica da casa própria, o que pode ser bastante desconfortável.” (grifo nosso).
19. “**Quando moramos com os pais**, nos apoiamos neles e sim não adquirimos responsabilidades.” (grifo nosso).
20. “**Quando mora-se em uma república**, é praticamente inevitável que haja um crescimento na vida do estudante.” (grifo nosso).
21. “**Ao ingressarmos no ensino superior** damos um grande passo em nossas vidas.” (grifo nosso).
22. “**Ao morarmos com nossos pais** ficamos mal acostumados.” (grifo nosso).
23. “**Quando moramos sozinhos**, aprendemos a nos virar.” (grifo nosso).
24. “**Ao sair da casa dos pais** e iniciar uma vida onde o jovem torna-se responsável por si mesmo, o transforma e amadurece.” (grifo nosso).
25. “**Quando aprendemos a importância de se conviver com as pessoas**, saber dividir as tarefas da casa e cumprir com as responsabilidades é porque já ganhamos o verdadeiro espírito de morar e uma república.” (grifo nosso).

26. “**Quando o aluno sai de sua cidade** para cursar uma faculdade e decide morar em uma república, longe dos familiares, ele adquire toda a responsabilidade de seus atos.” (grifo nosso).
27. “**Ao escolher as companhias com as quais pretende-se morar** deve levar em consideração que, além de dividir as despesas, é preciso muita união e respeito.” (grifo nosso).
28. “**Muitos quando pensam em república**, logo assimilam com apenas festas, bagunças, bebidas.” (grifo nosso).
29. “**Ao deixar a casa dos pais** onde não haviam preocupações e passar a morar sozinho é um grande passo.” (grifo nosso).
30. “**Quando se convive** com pessoas diferentes de você, de nós em vários aspectos, sempre existem lições a serem aprendidas.” (grifo nosso).
31. “**Quando se decide** morar fora da casa dos pais é preciso estar ciente das mudanças que acontecerão e estar preparado para isso. (grifo nosso).
32. “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas. (grifo nosso).
33. “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.” (grifo nosso).
34. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto. Ou seja, **ao sair de casa** perdi algumas ‘regalias’ como alimentos abundantes e refeições preparadas por terceiros, casa, limpa e arrumada, contas pagas e a companhia constante da família.” (grifo nosso).
35. “Os colegas de república são, geralmente, pessoas que acabaram de deixar a casa dos pais, onde foram acostumados aos mesmos hábitos como comer nos mesmos horários – desde pequenos. **Ao passar a viver com colegas** vindos de famílias ou até mesmo de estados diferentes, essas pessoas têm de se acostumar a conviver com costumes diferentes dos seus.” (grifo nosso).
36. “Depois de anos de cursinho, **ao ser aprovado no vestibular** decidi mudar-me para uma república com mais três amigos.” (grifo nosso).
37. “Morar em república nos proporciona uma ampliação no nosso horizonte de ideias e na maneira como percebemos o mundo, por vivermos com pessoas de diferentes origens, opiniões e hábitos. **Ao termos de conviver**

com as diferenças passamos a enxergá-las com outros olhos e até mesmo a incorporá-las.” (grifo nosso).

38. “Morar em república é uma experiência enriquecedora. Me tornei um morador de república logo **quando entrei na faculdade, aos 19 anos.**” (grifo nosso).
39. “O jovem passa a ter uma maturidade que antes era adquirida somente depois dos 25 anos, **quando saia de casa para trabalhar e casar.**” (grifo nosso).
40. “Morar em república é uma experiência enriquecedora devido ao fato de propiciar a interação entre os pontos de vista dos moradores... Isso é evidente **quando um estudante nordestino** acostumado a dançar baião, divide a república com um carioca devoto aos sambas de Noel e Cartola...” (grifo nosso).
41. “É Claro que é difícil deixar de lado todo o conforto e a mordomia, mas por outro lado há muitas coisas que se tornam mais fáceis **quando estamos sem eles...**” (grifo nosso).
42. “Moro em uma república desde o início da faculdade, e hoje, no último ano do curso, sinto uma tristeza muito grande **ao me separar das meninas,** com as quais convivo.” (grifo nosso).
43. “... É a chance que temos de crescer e amadurecer, criar responsabilidade... e só damos conta disso, **quando estamos longe de casa** e temos que enfrentar certas dificuldades.” (grifo nosso).
44. “Muitos sofrem bastante no começo, **quando sentem** que precisam dar conta das responsabilidades que lhes foram atribuídas.” (grifo nosso).
45. “... Uma nova etapa na vida de um jovem começa **quando ele passa no vestibular.**” (grifo nosso).
46. “É importante ressaltar, que a república transforma as pessoas, de forma que elas fiquem solidárias, **ao compartilhar objetos e dividir espaços.**” (grifo nosso).
47. “É notório que, hoje, os adolescentes são muito mais dependentes dos pais do que antigamente, **quando atingiam a idade adequada.**” (grifo nosso).
48. “Morar em república é uma experiência enriquecedora sim, pois **quando passamos a viver com pessoas diferentes,** com costumes que não são iguais aos nossos, aprendemos a ter o nosso espaço sem que esse atrapalhe o espaço do outro.” (grifo nosso).

49. “O convívio pode enriquecer sua cultura, como por exemplo, **quando compartilham o gosto por música, peça de teatro, um livro ou filme.**” (grifo nosso).
50. “Morar em república garante a mim o compromisso de todo mês pagar minhas contas, trabalho este antes feito pelos pais **quando morava com eles.**” (grifo nosso).
51. “Optei por morar em uma república **quando entrei na faculdade.**” (grifo nosso).

A seguir, expomos as ocorrências da relação de **Condição da RST**, da qual encontramos na pesquisa 13 ocorrências representadas pela hipotaxe adverbial de condição:

1. **Seu tivesse passado a vida inteira na casa dos meus pais** eu não saberia dessas coisas, pois lá não tinha que me preocupar.” (grifo nosso).
2. “Não estou dizendo que esta seja a melhor experiência do mundo e nem que aprendemos essa coisas com facilidade, mas é bom sairmos de nossa zona de segurança e encararmos o mundo como ele é lá fora, e uma república é uma pequena amostra das dificuldades de convivência que teremos na sociedade, **se conseguimos passar por ela**, conseguiremos nos adaptar ao mundo.” (grifo nosso).
3. Sabemos que **se cada um não fizer a sua parte** as coisas não funcionam.” (grifo nosso).
4. “**Quando se convive** com pessoas diferentes de você, de nós em vários aspectos, sempre existem lições a serem aprendidas.” (grifo nosso).
5. “**Quando se decide** morar fora da casa dos pais é preciso estar ciente das mudanças que acontecerão e estar preparado para isso. (grifo nosso).
6. “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas. (grifo nosso).
7. “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.” (grifo nosso).
8. “**Apesar de ser preciso uma boa dose de compreensão**, essa experiência de morar em uma república, te traz o sentimento de família com o grupo.” (grifo nosso).

9. “**Se estivéssemos morando sozinho** ou com os pais as coisas talvez fossem mais fáceis.” (grifo nosso).
10. “**Se você não lava a sua roupa**, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” (grifo nosso).
11. “...isso nos trará uma grande e enriquecedora experiência **se tudo isso for aproveitado ao máximo.**” (grifo nosso).
12. “O aprendizado que construí sendo morador de república dificilmente teria ocorrido no mesmo período de tempo **se eu tivesse ficado na casa dos meus pais ou tivesse optado por morar sozinho.**” (grifo nosso).
13. “Nos moradores de república, podemos estabelecer horários, como por exemplo, os horários em que se poderá receber amigos e namorados, **se ambos forem permitidos.**” (grifo nosso).

Na relação de **Condição** da RST, a realização da porção nuclear depende da realização da porção do satélite. Assim, as afirmações contidas nas porções nucleares dos exemplos de 1 a 13 só se realizarão se se realizarem também as contidas nos satélites.

Para comprovar tal afirmação, tomemos como exemplo a ocorrência “**Se você não lava a sua roupa**, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” Com base nesse exemplo, pode-se entender que a porção – ‘não vai ter o que vestir, se realizará se não se realizar a porção do satélite ‘se você não lava a roupa’.

### 3.3 Função Textual-Discursiva x Posição no Texto

O gênero resposta argumentativa se constitui como um gênero da ordem do argumentar, em que o produtor do texto–candidato–apresenta e defende sua opinião sobre um determinado tema, buscando, por meio da sustentação ou da refutação de outras opiniões, convencer e influenciar o leitor – banca de avaliação de redações – a aderir ao seu posicionamento.

O gênero resposta argumentativa, para Menegassi (2010), estrutura-se por fases da sequência argumentativa como se pode observar no quadro 5. Ressaltamos que a estrutura do gênero resposta argumentativa já foi apresentado no Capítulo I; entretanto consideramos importante apresentá-lo novamente aqui, a fim de facilitar a leitura como expõe o quadro 5.

<b>Fase das premissas</b> , em que se propõe uma constatação, opinião ou ponto de partida.
<b>Fase das apresentações dos argumentos</b> , em que se apresentam as ideias que provocam a opinião, por meio de exemplos, explicações etc.
<b>Fase da apresentação dos contra-argumentos</b> , em que se opera uma restrição em relação à orientação argumentativa. Essa restrição pode ser apoiada por exemplos, constatações, explicações, etc.;
<b>Fase da conclusão ou da nova tese</b> , que integra os argumentos e contra-argumentos.

**Quadro 5** – Fases da sequência argumentativa

Para efeito de análise, além de considerarmos as fases da sequência argumentativa proposta por Menegassi (2010), procederemos à análise, considerando, assim como Decat (2009), a relação entre forma e função.

Ao estabelecer um cruzamento entre as funções textual-discursivas das construções hipotáticas adverbiais materializadas com função tópica, focal, função de antecipação de contra-argumento, adendo, função de apontar problema e criar expectativa de solução, moldura, ponte de transição e guia com as posições das orações no texto, é possível fazer algumas inferências dessa relação à construção da argumentação do gênero resposta argumentativa. O quadro a seguir apresenta o cruzamento desses dois fatores.

Função Textual - Discursiva	Posição no texto			
	Afirmação inicial	Início da argumentação	Entre argumentos	Conclusão
<b>Tópico</b>	1	5	1	3
<b>Foco</b>	14	14	5	8
<b>Antecipa contra argumento</b>	1	1		
<b>Adendo</b>		2	1	1



<b>Aponta problema e cria expectativa de solução</b>		<b>4</b>		
<b>Moldura</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>3</b>	
<b>Ponte de transição</b>	<b>2</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	
<b>Guia</b>	<b>7</b>	<b>12</b>	<b>8</b>	

**Quadro 6** – Resultado quantitativo do cruzamento  
Função Textual-Discursiva x Posição no texto

No decorrer do cruzamento dos fatores Função Textual-Discursiva e Posição no texto, encontramos, na fase das premissas, 1 ocorrência da função tópica, 14 da função focal, 1 da função de antecipar contra-argumento, 5 da função de moldura, 2 da função de ponte de transição e 7 de guia para o leitor.

Em se tratando de função textual-discursiva, a **função tópica** é o ponto de partida para a estruturação da informação. Assim, considerando a natureza lógico-discursiva dessa função, podemos entender a sua ocorrência na porção textual da **afirmação inicial**, uma vez que a natureza tópica dessa função serve como fator inicial para a estruturação da informação contida na porção da **fase das premissas**. Podemos ilustrar essa afirmação com a seguinte ocorrência:

1. “**Se estivéssemos morando sozinho ou com os pais** as coisas talvez fossem mais fáceis.” (grifo nosso).

Foram identificadas, no decorrer do cruzamento dos dados, 14 ocorrências da **função focal** na **fase das premissas**. Sobre essa função, Decat (2009) explica que o produtor do texto pode desconsiderar o posicionamento de uma oração ao atribuir foco em uma porção textual, isto é, a construção hipotática adverbial pode funcionar como uma avaliação, realce ou argumentação por parte do falante/produtor sobre o que vem expresso na porção do núcleo, seja anteposta, seja posposta ao núcleo de ocorrência na porção do texto.

Portanto a natureza pragmática da **função focal** pode dar conta de explicar as 14 ocorrências dessa função materializada como argumentação ocorridas na afirmação **inicial** da porção textual do gênero resposta argumentativa.

1. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, **pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto.**” (grifo nosso).
2. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois além de o jovem aprender a lidar com os problemas,** ainda constrói vínculos de amizade muito fortes que se prolongarão para o resto da vida.” (grifo nosso).
3. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque quando vivemos em república aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.**” (grifo nosso).
4. “Morar em república pode e deve ser uma experiência enriquecedora, **desde que todos os moradores respeitem e sejam respeitados.**” (grifo nosso).
5. Morar em uma república é uma experiência enriquecedora **já que proporciona ao estudante uma oportunidade de crescer** e se desenvolver, social e psicologicamente.” (grifo nosso).
6. “Morar em república é sim uma experiência muito enriquecedora. Afirmando isso, **pois moro em república há algum tempo** e desde que passei a dividir o espaço com outras pessoas aprendi muito.” (grifo nosso).
7. morar em uma república é uma experiência muito enriquecedora. Isso se deve **porque, ao sair do mundo protegido de convívio familiar, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.**” (grifo nosso).
8. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que abre um horizonte de possibilidades de crescimento.**” (grifo nosso).
9. “Morar em república é uma experiência enriquecedora **pois, em primeiro lugar, sair do conforto da casa dos pais estimula a buscar, por conta própria, seu bem estar.**” (grifo nosso).
10. “Como moradora de república não associo minha rotina republicana a uma experiência enriquecedora, **pois é nítida a limitação de privacidade e a divergência de costumes dos moradores.**” (grifo nosso).

11. “Morar em república para mim é uma experiência enriquecedora, **pois possibilita o aprimoramento de valores necessários ao conviver em uma sociedade.**” (grifo nosso).
12. Morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que, essa nova realidade longe dos pais implica em administrar o próprio dinheiro.**” (grifo nosso).
13. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois convivendo com novas pessoas é possível amadurecer, aceitar novas ideias e criar laços que poderão durar por uma vida inteira.**” (grifo nosso).
14. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **uma vez que não é uma tarefa fácil.**” (grifo nosso).

Em relação à função que **antecipa um contra-argumento**, representada pelas concessivas, identificamos 1 ocorrência na fase das premissas, isto é, na afirmação inicial.

1. “**Apesar do receio de sair de casa e morar com outras pessoas**, a convivência em uma república garante um imenso aprendizado para a vida.” (grifo nosso).

A **função de antecipar um contra-argumento** sustentado pela relação de relação tese-antítese das concessivas, segundo Decat (2009), contribui para a argumentação discursiva.

Sobre a função textual-discursiva estabelecida pela construção concessiva, Neves (2000) explica que essas construções são argumentativas e tanto a anteposição quanto a posposição dessas servem às intenções comunicativas do produtor do texto.

Nesse sentido, tal afirmação pode evidenciar a ocorrência da **função de antecipar um contra-argumento na fase das premissas**, isto é, nessa fase da porção textual, o candidato deve expor o seu posicionamento referente à pergunta do comando, uma vez que, de acordo com Garcia (1985), é nessa porção textual que a ideia principal do parágrafo deve ser apresentada, definindo o objetivo comunicativo do produtor do gênero.

Outra função encontrada no decorrer da tabulação dos fatores Funções Textual-Discursivas e Posição no texto foi a **função de moldura** que estão na base das orações hipotáticas adverbiais temporais.

De acordo com os estudos de Decat (2009), as construções hipotáticas adverbiais temporais criam um quadro, uma moldura da informação que o falante/produtor do texto considera necessária à compreensão da informação que está na porção do núcleo, ao fornecerem informações que marcam, circunstancialmente, um evento.

Em termos de posição no texto, a função de moldura pode nos mostrar a intenção do produtor do texto, haja vista que essa função demarca a informação que o candidato considera necessária para o seu leitor, isto é, por meio da função de moldura, o candidato mostrará o seu ponto de vista sobre a proposta do comando do gênero resposta argumentativa. Com relação às posições da função de moldura entre as porções textuais no gênero resposta argumentativa, encontramos 5 ocorrências na fase das premissas. Vejamos as 5 ocorrências da função de moldura servindo à afirmação inicial no texto.

1. “Morar em república é uma experiência enriquecedora. Me tornei um morador de república logo **quando entrei na faculdade, aos 19 anos.**” (grifo nosso).
2. “O jovem passa a ter uma maturidade que antes era adquirida somente depois dos 25 anos, **quando saia de casa para trabalhar e casar.**” (grifo nosso).
3. “Morar em república é uma experiência enriquecedora devido ao fato de propiciar a interação entre os pontos de vista dos moradores... Isso é evidente **quando um estudante nordestino** acostumado a dançar baião, divide a república com um carioca devoto aos sambas de Noel e Cartola...” (grifo nosso).
4. “É Claro que é difícil deixar de lado todo o conforto e a mordomia, mas por outro lado há muitas coisas que se tornam mais fáceis **quando estamos sem eles...**” (grifo nosso).
5. “Moro em uma república desde o início da faculdade, e hoje, no último ano do curso, sinto uma tristeza muito grande **ao me separar das meninas,** com as quais convivo.” (grifo nosso).

Sobre a **função de ponte de transição**, encontramos 2 ocorrências na **fase das premissas**. Para Decat (2009), a hipotaxe adverbial temporal poderá servir como ponte de transição, em função anafórica e catafórica simultaneamente.

Com relação à posição no texto, na fase das premissas, entendemos que o produtor do texto, no caso desta pesquisa, o candidato, tem a oportunidade de convencer o seu leitor (banca de avaliação das redações) sobre sua tese por meio da função de ponte de transição, uma vez que essa função estabelece um elo entre a porção textual precedente e subsequente, ou seja, essa função fornece elementos coesivos como 'quando' ou a construção 'ao + verbo no infinitivo' que favorecem a organização discursiva.

1. "Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora, pois me deu oportunidade de sair da minha zona de conforto". Ou seja, **ao sair de casa** perdi algumas "regalias" como alimentos abundantes e refeições preparadas por terceiros, casa, limpa e arrumada, contas pagas e a companhia constante da família." (grifo nosso).
2. "Morar em república é uma experiência enriquecedora, tanto culturalmente, quanto humanamente. Como estudante universitário e morador de república há três anos tornaram-me independente e pude comprovar isso **ao deixar a casa dos pais** para morar em uma casa com outros jovens como ele, o estudante passa a ter responsabilidades e papéis que antes eram desempenhados por seus pais." (grifo nosso).

Quanto à função textual-discursiva de **guia** para o leitor, no decorrer do cruzamento dos fatores ora em discussão, identificamos 7 ocorrências na fase das premissas. Essas ocorrências revelam um caminho de orientação para o leitor, que servirá como guia para as novas informações a serem apresentadas.

Quanto à posição da **função guiadora** presente na fase das premissas, constatamos que serviram como um guia para a informação que virá na sequência, sinalizando ao leitor, corretor da banca de redações, a respeito da tese que será apresentada nas próximas fases, isto é, a função guiadora, poderá direcionar o leitor ao discurso subsequente, delimitando sua interpretação por meio das marcas formais como a construção "ao + verbo no infinitivo" e "quando", como podemos confirmar a partir das ocorrências a seguir.

1. **Ao sair da casa dos pais** o estudante adquire responsabilidades – como a de pagar contas – e aprende a dar seus passos sozinhos.” (grifo nosso).
2. “**Quando moramos com nossos** pais eles nos vigiam o tempo e nos fazem cumprir suas regras.” (grifo nosso).
3. “**Quando estamos sozinhos** temos a liberdade de criar nossas próprias regras.” (grifo nosso).
4. “**Quando vivemos em república** aprendemos a ter mais responsabilidade, a respeitar o próximo, a cumprir obrigações na hora certa.” (grifo nosso).
5. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
6. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
7. “**Quando esse jovem vai morar em uma república**, não há mais quem faça as tarefas por ele.” (grifo nosso).

Para Menegassi (2010), a **fase das apresentações dos argumentos** deve conter a apresentação das ideias que provocam a opinião, por meio de exemplos, explicações etc.

No decorrer do cruzamento dos fatores Função Textual-Discursiva e Posição no Texto, foram encontradas 5 ocorrências, da função tópica, 14 de foco, 1 ocorrência da função que antecipa contra-argumento, 2 ocorrências da função de adendo, 4 ocorrências da função que aponta problema e cria expectativa de solução, 10 funções de moldura, 4 de ponte de transição e 12 ocorrências da função de guia para o leitor.

Sobre a **função tópica** que está na base das construções hipotáticas adverbiais de condição, Decat (2009) ressalta que essas funcionam como ponto de partida para a estruturação da informação.

Com relação à posição no texto, percebe-se, por meio das 5 ocorrências, que o candidato faz a exposição de suas ideias sobre a tese e as expande a partir dessa função tópica, como se observa a seguir:

1. “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas.” (grifo nosso).
2. “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.” (grifo nosso).
3. “**Apesar de ser preciso uma boa dose de compreensão**, essa experiência de morar em uma república, te traz o sentimento de família com o grupo.” (grifo nosso).
4. “**Se estivéssemos morando sozinho** ou com os pais as coisas talvez fossem mais fáceis.” (grifo nosso).
5. “**Se você não lava a sua roupa**, conseqüentemente não vai ter o que vestir.” (grifo nosso).

No decorrer da coleta de dados para a pesquisa, encontramos, em relação à posição no texto, 14 ocorrências da função focal à serviço da argumentação ocorrida na fase das apresentações dos argumentos.

Para Decat (2009), razões pragmáticas levam o falante a atribuir **foco** a uma determinada parte do discurso ao considerá-la mais importante para atender aos objetivos comunicativos, independentemente do posicionamento da oração, sejam antepostas ou pospostas ao núcleo, pois a atribuição da função focal dependerá das intenções comunicativas do produtor do texto, no caso deste trabalho, o vestibulando.

Constatamos a atuação da função focal na fase da apresentação dos argumentos, uma vez que o candidato apresenta suas ideias por meio de exemplos e de explicações, de modo a enfatizar as informações. Podemos exemplificar essa afirmação com as ocorrências como se observa a seguir:

1. É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, **pois aprendem a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias...** (grifo nosso).
2. A convivência em república não é consideravelmente simples, **pois além de ter de dividir tarefas**, deve-se cumpri-las corretamente para que, por fim, não haja conflitos entre os moradores.” (grifo nosso).
3. “Portanto, morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois há o amadurecimento de ideias e limites, essenciais para o futuro.**” (grifo nosso).

4. No início, fiquei apreensivo e imaginei que seria complexo interagir com os outros estudantes, **pois eles poderiam ocupar meu espaço.**” (grifo nosso).
5. “Conhecemos também o real valor do dinheiro, **pois assim percebemos o quão difícil é manter um lar.**” (grifo nosso).
6. “Há também uma troca de culturas e valores, **uma vez que esse estudante se relaciona com outros constantemente.**” (grifo nosso).
7. “Assim, viver em uma república poderia ser considerado uma preparação para a vida de adulto, **já que ela nos tira do círculo de proteção familiar.**” (grifo nosso).
8. “A integração do indivíduo com pessoas diferentes acaba tornando-o, enquanto ser social, mais tolerante às diferenças. Esta maior tolerância é uma mudança positiva, **já que a crescente dinâmica do mundo atual exige maior flexibilização das relações interpessoais.** (grifo nosso).
9. “Como estudante de Direito e um dos quinze moradores de uma república, onde sou líder financeiro, afirmo que tal experiência aguça o espírito coletivo e de liderança... **pois é preciso ter iniciativa e responsabilidade**”. (grifo nosso).
10. “Não podem haver mais birras, sons estupidamente altos, **já que você terá que respeitar o espaço do outro, que não é obrigado a tolerar tudo.**” (grifo nosso).
11. “Eu, como estudante de uma república, destaco, como um dos muitos benefícios a divisão de despesas estabelecida nesses tipos de residência, **uma vez que mudar de cidade implica em gastos extras e o orçamento do qual, em geral, dispõe os estudantes é pequeno.**” (grifo nosso).
12. Aprender a cozinhar, limpar e organizar suas próprias coisas é muito importante para o desenvolvimento das pessoas, **pois ensina-os a terem responsabilidades.**” (grifo nosso).
13. “Portanto, morar em república é sim uma experiência enriquecedora, **uma vez que o jovem torna-se mais ativo socialmente** e mais preparado para situações do cotidiano”. (grifo nosso).
14. Portanto, morar em república pode enriquecer muito a pessoa, **desde que seja bem instruída antes e saiba balancear obrigações e diversão.** (grifo nosso).

No decorrer do cruzamento dos dados, encontramos 1 ocorrência da função que **antecipa um contra-argumento** ocorrendo na fase das



apresentações dos argumentos. Como já explicado na fase das premissas, a função de antecipar **um contra-argumento** está na base das construções hipotáticas concessivas e, por meio da relação tese-antítese, essa função serve à argumentação do discurso, o que pode explicar sua ocorrência na fase da apresentação dos argumentos, já que, nessa porção, do texto o candidato dá início à argumentação sobre a sua tese por meio de exemplos, explicações. Vejamos, abaixo a ocorrência da **função de antecipar um contra-argumento**:

1. **Apesar de nada fácil**, a vida em república foi um aprendizado que tive, e que continuo tendo, o qual será muito importante para toda a vida. (grifo nosso).

As construções hipotáticas concessivas pospostas, para Neves (2000), exercem a função de adendo, uma vez que trazem uma informação nova.

Com relação à **função de adendo** mantida pelas construções hipotáticas pospostas, destacamos 2 ocorrências na fase da apresentação dos argumentos, em que se propõe uma constatação, opinião ou ponto de partida referente a um tema, ou seja, nessa fase, o candidato/produtor do texto pode demarcar o seu ponto de vista/tese na afirmação inicial, como ocorreu nos exemplos a seguir:

1. “As primeiras experiências surgem logo nos meses iniciais, **apesar de serem novidade a todos.**” (grifo nosso).
2. “Temos que saber respeitar uns aos outros, ouvir e compreender o colega; saber argumentar em tomadas de decisões importantes **embora seja dificultoso todo esse processo no começo**; ao se adaptar com o convívio do cotidiano adquirimos experiências que levaremos por toda a vida...” (grifo nosso).

Ao tabular os dados entre as funções textual-discursivas das construções hipotáticas, encontramos a função de **apontar um problema e criar expectativa de solução**, mantida pelas orações hipotáticas adverbiais de propósito antepostas ao núcleo na articulação de orações.

Segundo Thompson (1985), a adverbial de propósito anteposta tem a função de apresentar um problema e criar uma expectativa de solução para o que está contido na porção do núcleo. As constatações dessa autora se

confirmam, pois as ocorrências analisadas das construções da adverbial de propósito anteposta fornecem um quadro em que a porção do núcleo pode ser interpretada, despertando, no leitor, expectativas de solução ao problema apresentado na porção precedente.

No que diz respeito à ocorrência dessa função na fase da apresentação dos argumentos, justifica-se pelo fato de ela apresentar as ideias, informações, explicações do produtor do texto ao apontar um problema e, em seguida, cria uma expectativa de solução. Vejamos a seguir as 4 ocorrências encontradas na porção textual do início da argumentação, correspondente à fase das apresentações dos argumentos.

1. “**Em nossa república para manter uma ordem** fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida. Em nossa república para manter uma ordem fizemos tabelas as quais contém as despesas e como vamos dividi-las, escalas de limpeza e até mesmo quem fica responsável pela comida.” (grifo nosso).
2. “**Para sobrar dinheiro para festas**, por exemplo é preciso economizar no supermercado ou gastos fúteis em shopping centers. Esse tipo de controle será aplicado futuramente em nossos salários quando ingressarmos no mercado de trabalho.” (grifo nosso).
3. “Como universitária e moradora de uma república, posso garantir: a experiência é fantástica! Que não é uma tarefa fácil, isso todo mundo sabe. **Para haver êxito**, é necessário uma boa dose de paciência, espírito de equipe, sem dúvida, muita sorte também.” (grifo nosso).
4. “Dividir uma casa com pessoas que têm ideias contrárias, requer antes de tudo uma boa conversa sobre as divisões dos trabalhos domésticos e também saber respeitar a privacidade do outro e suas ideias. **Para se ter uma boa convivência harmônica**. Deve haver respeito da parte de todos e quem mora em república aprende a praticar esse tipo de comportamento levando-o para qualquer lugar.” (grifo nosso).

Durante a pesquisa, encontramos 10 ocorrências da **função de moldura** atuando na fase da apresentação dos argumentos. A ocorrência da função de moldura nessa fase se justifica por essa função apresentar um quadro, uma moldura da informação que o falante/produtor do texto considera necessária à compreensão da informação que está na porção do núcleo ao fornecer

informações que marcam circunstancialmente um evento, assim como aconteceu na fase das premissas, pois a partir dessa função, o candidato demarcará seus argumentos, a partir de explicações, exemplos:

1. Moro em uma república desde o início da faculdade, e hoje, no último ano do curso, sinto uma tristeza muito grande **ao me separar das meninas**, com as quais convivo.” (grifo nosso).
2. “... É a chance que temos de crescer e amadurecer, criar responsabilidade... e só damos conta disso, **quando estamos longe de casa** e temos que enfrentar certas dificuldades.” (grifo nosso).
3. “Acredito ainda que nós estudantes e moradores de república, ganhamos maturidade, **assim que saímos da casa de nossos pais**.” (grifo nosso).
4. “Muitos sofrem bastante no começo, **quando sentem** que precisam dar conta das responsabilidades que lhes foram atribuídas.” (grifo nosso).
5. “... Uma nova etapa na vida de um jovem começa **quando ele passa no vestibular**.” (grifo nosso).
6. “É importante ressaltar, que a república transforma as pessoas, de forma que elas fiquem solidárias, **ao compartilhar objetos e dividir espaços**.” (grifo nosso).
7. “Morar em república é uma experiência extremamente enriquecedora. Eu, como estudante moradora de uma casa com doze meninas, digo isso baseada em dois argumentos. O primeiro é o respeito mútuo que se adquire **ao conviver com pessoas completamente distintas**, cada qual com suas limitações e defeitos...” (grifo nosso).
8. “É notório que, hoje, os adolescentes são muito mais dependentes dos pais do que antigamente, **quando atingiam a idade adequada**.” (grifo nosso).
9. “Morar em república é uma experiência enriquecedora sim, pois **quando passamos a viver com pessoas diferentes**, com costumes que não são iguais aos nossos, aprendemos a ter o nosso espaço sem que esse atrapalhe o espaço do outro.” (grifo nosso).
10. “O convívio pode enriquecer sua cultura, como por exemplo, **quando compartilham o gosto por música, peça de teatro, um livro ou filme**.” (grifo nosso).

Por meio da função de **ponte de transição** ocorrida na fase das apresentações dos argumentos, o produtor do texto (o candidato) tem a oportunidade de apresentar ao seu leitor (banca de avaliação das redações) suas ideias por meio de exemplos, explicações, pois tal função provê elementos coesivos como “quando” ou a construção “ao + verbo no infinitivo” que favorecem a organização discursiva, assim como ocorreu na fase das premissas.

Decat (2009) explica que a função de ponte de transição atua de maneira anafórica e catafórica simultaneamente entre as porções textuais, isto é, quando a adverbial temporal está na posição inicial, remete ao discurso precedente e ao subsequente, funcionando como ponte de transição entre as partes do texto.

Encontramos 4 ocorrências da **função de ponte de transição** na fase da apresentação dos argumentos. Vejamos,

1. “Sabe-se que morar em república é uma experiência enriquecedora e por vezes única na vida de um indivíduo. Aceitar as diferenças e os defeitos de diversas pessoas que compõe um grupo requer compreensão e paciência, características necessárias para uma boa convivência em sociedade. **Ao tornar-se um morador de uma república**, o estudante aprende aproveitar sua liberdade com responsabilidade e adquirir também autonomia para fazer suas próprias escolhas.” (grifo nosso).
2. “Os colegas de república são, geralmente, pessoas que acabaram de deixar a casa dos pais, onde foram acostumados aos mesmos hábitos como comer nos mesmos horários – desde pequenos. **Ao passar a viver com colegas** vindos de famílias ou até mesmo de estados diferentes, essas pessoas têm de se acostumar a conviver com costumes diferentes dos seus.” (grifo nosso).
3. “Depois de anos de cursinho, **ao ser aprovado no vestibular** decidi mudar-me para uma república com mais três amigos.” (grifo nosso).
4. “Morar em república nos proporciona uma ampliação no nosso horizonte de ideias e na maneira como percebemos o mundo, por vivermos com pessoas de diferentes origens, opiniões e hábitos. **Ao termos de conviver** com as diferenças passamos a enxergá-las com outros olhos e até mesmo a incorporá-las.” (grifo nosso).

Como já mostramos na fase das premissas, a função textual-discursiva de **guia para o leitor**, denominada por Chafe (1984), de guidepost, faz com

que as construções hipotáticas adverbiais que apresentam tal função forneçam ao leitor uma orientação para as informações das porções seguintes.

Nesse sentido, evidencia-se que as ocorrências das orações hipotáticas temporais materializadas como guia para o leitor, antepostas ao núcleo da porção textual, direcionam o leitor ao discurso subsequente.

Em se tratando de posição no texto, a oração adverbial com essa função, presente também na fase da apresentação dos argumentos, direciona o seu leitor ao que se segue no texto, demarcando sua interpretação a partir das marcas formais como a construção “ao+ verbo no infinitivo” e “quando”. Vejamos as 12 ocorrências na fase da apresentação dos argumentos:

1. “**Ao decidir morar em uma república**, o estudante, quase sempre um jovem, se depara com desafios na maioria das vezes inéditos para ele.” (grifo nosso).
2. “**Quando começam a viver em uma república**, os estudantes logo precisam aprender a respeitar o ambiente comum a todos e entender que cada um também tem seu espaço e que esse precisa ser respeitado.” (grifo nosso).
3. “**Ao ingressarmos em república**, as responsabilidades caem de uma maneira brusca em nossos ombros.” (grifo nosso).
4. “**Ao sairmos de nossa cidade pequena**, onde vivemos uma vida mais calma, menos agitada, estanhamos um pouco.” (grifo nosso).
5. “**Quando um estudante sai de casa**, em média aos 18 anos, ele ainda não possui maturidade para viver sozinho. (grifo nosso).
6. “**Quando acontecem situações de desentendimento** hoje, todos temos muita tolerância, aprendemos a ter diálogo, e a entender as necessidades uns dos outros.” (grifo nosso).
7. “**ao sair do mundo protegido de convívio familiar**, o estudante depara-se com a liberdade de tomar decisões, sem depender de aprovação.” (grifo nosso).
8. “**ao morar em uma república**, aprendi a organizar as despesas, a respeitar regras e a dividir os serviços de casa.” (grifo nosso).
9. “**Quando se convive**, diariamente, com um grande número de pessoas é preciso aprender a se adaptar aos anseios e as necessidades desse grupo.” (grifo nosso).

10. “**Quando o jovem sai da casa dos pais** ele perde o apoio principalmente administrativo dos mesmos.” (grifo nosso).
11. “**Ao viver coletivamente**, perde-se a liberdade existente característica da casa própria, o que pode ser bastante desconfortável.” (grifo nosso).
12. “**Quando moramos com os pais**, nos apoiamos neles e sim não adquirimos responsabilidades.” (grifo nosso).

Como exemplo do cruzamento dos fatores Função textual-discursiva e Posição no texto, identificamos 1 ocorrência da função tópica, 5 ocorrências da função focal, 1 da função de adendo, 3 ocorrências da função de moldura, 2 ocorrências da função de ponte de transição e 8 da função de guia para o leitor.

Conforme Menegassi (2010), a fase da apresentação dos contra-argumentos deve apresentar uma restrição em relação à orientação argumentativa. Essa restrição pode ser apoiada por exemplos, constatações, explicações etc.

Sobre a **função tópica** que serve de ponto de partida para a estruturação da informação, vejamos:

1. “**Quando se mora em uma república** é complicado conciliar a opinião de todos, isso leva tempo e várias discórdias pelo caminho.” (grifo nosso).

Outra função que encontramos no decorrer da tabulação dos dados presente na fase da apresentação dos contra-argumentos foi a **função de foco**.

Como já apresentado nas fases anteriores desta pesquisa, a função de foco serve aos propósitos comunicativos do produtor do texto ao funcionar como uma avaliação, realce ou argumentação sobre o que vem expresso na porção do núcleo, em especial quando posposta a esse núcleo. Identificamos 5 ocorrências da função focal na fase de apresentação dos contra-argumentos.

1. Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois traz aos estudantes maturidade, tanto emocional, por terem de viver longe dos pais, quanto racional, por terem de aprender a tolerar os colegas de quarto**”. (grifo nosso).

2. Como estudante de Direito e um dos quinze moradores de uma república, onde sou líder financeiro, afirmo que tal experiência aguça o espírito coletivo e de liderança... **pois é preciso ter iniciativa e responsabilidade.** (grifo nosso).
3. “Não podem haver mais birras, sons estupidamente altos, **já que você terá que respeitar o espaço do outro, que não é obrigado a tolerar tudo.**” (grifo nosso).
4. “Morar em república é com certeza uma experiência enriquecedora, **uma vez que o simples fato de viver sozinho com pessoas aproximadamente da sua idade, exige uma série de responsabilidades.**” (grifo nosso).
5. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **pois em apenas um ano morando em uma percebo o quanto me desenvolvi socialmente.**” (grifo nosso).

Quanto à função de **adendo** encontrada na porção do texto da fase da apresentação dos contra-argumentos, encontramos 1 ocorrência.

Dessa forma, considerando a natureza dessa função, que é a de prover informações novas, justifica-se, assim, a sua ocorrência na fase da apresentação dos contra-argumentos, visto que, nessa porção textual, o candidato deve apresentar informações, constatações, como podemos observar a partir do exemplo a seguir:

1. “É uma experiência de grande valia para os jovens que saem das casas de seus pais, pois aprendem a enfrentar as dificuldades que a vida cria em diversas circunstâncias, **ainda mais se o dinheiro for curto, como no meu caso.**” (grifo nosso).

Acerca da **função de moldura** atuando na fase da apresentação dos contra-argumentos, identificamos 3 ocorrências. Considerando a natureza dessa função, que é a de emoldurar a informação que o produtor do texto considera necessária para o entendimento da porção nuclear, justificamos suas ocorrências na fase da apresentação dos contra-argumentos, uma vez que, nessa porção textual, o candidato pode refutar sua argumentação apoiando-se em explicações, constatações como em:

1. Morar em república garante a mim o compromisso de todo mês pagar minhas contas, trabalho este antes feito pelos pais **quando morava com eles.**” (grifo nosso).

2. “Optei por morar em uma república **quando entrei na faculdade.**” (grifo nosso).
3. “Na condição de estudante, moro em uma república faz três anos, esse tempo foi suficiente para perceber que isso não tem nada de bom e muito menos enriquecedor, pelo contrário, **quando quero estudar** aparece alguém ouvindo música com volume alto, ou jogando vídeo game, enfim, alguém para expulsar minha concentração, atrapalhando meu estudos.” (grifo nosso).

A atuação da função de **ponte de transição** mostrou-se em 2 ocorrências na fase da apresentação dos contra-argumentos.

A ocorrência dessa função nessa fase evidencia a sua atuação, que é a de estabelecer um elo entre as porções textuais fornecendo uma organização textual mais coerente a partir do conectivo “quando” e a construção “ao + verbo no infinitivo”. Vejamos:

1. “Viver em república exige, além de participação nas tarefas domésticas, responsabilidade no cumprimento dos deveres e consciência entre o dever e a diversão, o respeito ao próximo, pelo importantíssimo em qualquer sociedade que deseja viver em harmonia e se desenvolver. **Ao dividir a casa** e às vezes o quarto com pessoas que têm outros pensamentos, comportamentos, ideias e até cultura, exige-se de nós, e deles também, porque a convivência com o diferente é mutua.” (grifo nosso).
2. “Depois de cinco anos fazendo faculdade longe de casa e morando em república posso dizer que minha ‘bagagem’ está cheia. Cheia não só pelo aprendizado que a universidade, me proporcionou, mas também pela experiência incrível que passei **ao morar com pessoas**, no começo desconhecidas e hoje amigos - que levarei no coração para o resto da vida.” (grifo nosso).

Quanto à função guiadora atuando na fase da apresentação dos contra-argumentos, encontramos 8 ocorrências; e, considerando a natureza guiadora dessa função, constatamos sua importância ao ocorrer na fase da apresentação dos contra-argumentos, guiando o leitor à porção textual seguinte, demarcando sua interpretação a partir de marcas formais como a construção “ao + verbo no infinitivo” e “quando”; como ocorreu nas fases anteriores da sequência argumentativa.



1. “**Quando moramos com os pais**, nos apoiamos neles e sim não adquirimos responsabilidades.” (grifo nosso).
2. “**Quando mora-se em uma república**, é praticamente inevitável que haja um crescimento na vida do estudante.” (grifo nosso).
3. “**Ao ingressarmos no ensino superior** damos um grande passo em nossas vidas.” (grifo nosso).
4. “**Ao morarmos com nossos pais** ficamos mal acostumados.” (grifo nosso).
5. “**Quando moramos sozinhos**, aprendemos a nos virar.” (grifo nosso).
6. “**Ao sair da casa dos pais** e iniciar uma vida onde o jovem torna-se responsável por si mesmo, o transforma e amadurece.” (grifo nosso).
7. “**Quando aprendemos a importância de se conviver com as pessoas**, saber dividir as tarefas da casa e cumprir com as responsabilidades é porque já ganhamos o verdadeiro espírito de morar e uma república.” (grifo nosso).
8. “**Quando o aluno sai de sua cidade** para cursar uma faculdade e decide morar em uma república, longe dos familiares, ele adquire toda a responsabilidade de seus atos.” (grifo nosso).

Uma das fases da sequência argumentativa proposta por Menegassi (2010) corresponde à fase da conclusão ou da nova tese, ou seja, é parte da porção textual que integrará os argumentos e contra-argumentos.

No decorrer do cruzamento dos fatores Função textual-discursiva e Posição no texto, identificamos 3 ocorrências da função tópica, 7 ocorrências na função focal e 1 da função de adendo nessa fase.

Vimos, nas outras fases da sequência argumentativa, que a **função tópica** funciona como ponto de partida para a estruturação da informação. Nesse sentido, considerando o caráter lógico-discursivo dessa função, justifica-se a sua ocorrência na porção textual referente à fase da conclusão ou da nova tese, como pode ser observado nas ocorrências que seguem:

1. “**Quando dotados de regras**, de divisão de responsabilidades, de auxílio mútuo, creio que repúblicas podem se tornar verdadeiras escolas”. (grifo nosso).

2. “**Quando se convive** com pessoas diferentes de você, de nós em vários aspectos, sempre existem lições a serem aprendidas.” (grifo nosso).
3. “**Se estivéssemos morando sozinho** ou com os pais as coisas talvez fossem mais fáceis.” (grifo nosso).
4. “Não estou dizendo que esta seja a melhor experiência do mundo e nem que aprendemos essas coisas com facilidade, mas é bom sairmos de nossa zona de segurança e encararmos o mundo como ele é lá fora, e uma república é uma pequena amostra das dificuldades de convivência que teremos na sociedade, **se conseguirmos passar por ela**, conseguiremos nos adaptar ao mundo.” (grifo nosso).

Quanto à função focal, foram identificadas 7 ocorrências. A atuação dessa função na fase da conclusão ou da nova tese confirma mais uma vez que ela serve aos propósitos pragmáticos do produtor do texto, visto que esse produtor pode não considerar o posicionamento de uma oração ao atribuir foco em uma determinada porção de texto. Nesse caso, explica Decat (2009) que a **função focal** funcionará como realce, ênfase, servindo à argumentação no discurso. Vejamos:

1. “Eu, como estudante de uma república, destaco, como um dos muitos benefícios a divisão de despesas estabelecida nesses tipos de residência, **uma vez que mudar de cidade implica em gastos extras e o orçamento do qual, em geral, dispõe os estudantes é pequeno.**” (grifo nosso).
2. “Morar em república é uma experiência enriquecedora, **porque deixamos de lado o nosso individualismo e aprendemos a conviver e respeitar o próximo.**” (grifo nosso).
3. “Nos criamos certa responsabilidade **por não estar mais morando com nossos pais.**” (grifo nosso).
4. “O aprendizado que construí sendo morador de república dificilmente teria ocorrido no mesmo período de tempo **se eu tivesse ficado na casa dos meus pais ou tivesse optado por morar sozinho.**” (grifo nosso).
5. “os deveres são destacados em comum acordo, portanto, não há grandes problemas no seu cumprimento, **desde que, todos respeitem as regras da convivência.**” (grifo nosso).
6. “... isso nos trará uma grande e enriquecedora experiência **se tudo isso for aproveitado ao máximo.**” (grifo nosso).

7. “Aprender a cozinhar, limpar e organizar suas próprias coisas é muito importante para o desenvolvimento das pessoas, **pois ensina-os a terem responsabilidades.**” (grifo nosso).

Já quanto à função de adendo, encontramos, na fase da conclusão ou nova tese, uma única ocorrência.

1. “Com certeza morar em república é uma experiência muito enriquecedora, **apesar dos pesares ela me trouxe muitos ensinamentos.**” (grifo nosso).

Como já explicitado neste trabalho, essa função serve para complementar a informação expressa no núcleo da relação núcleo-satélite, ou seja, traz informações complementares, novas. Nesse sentido, justifica-se a atuação dessa função nessa fase em que o produtor do texto pode fazer uma retomada dos argumentos ou a apresentação de uma nova tese.

## CONCLUSÃO

Este trabalho analisou, à luz do funcionalismo, as Funções Textual-Discursivas– como função tópica, foco, antecipação de contra-argumento, adendo, função de apontar problema e criar expectativa de solução, função de ponte de transição, moldura e função de guia para o leitor–que estão na base das orações hipotáticas adverbiais de condição, causa, concessão, propósito e temporal como recurso argumentativo do gênero Resposta Argumentativa. Para tanto, realizou-se, passo a passo, cada um dos procedimentos previamente apresentados (cf. introdução).

Ao todo, foram analisadas 124 (cento e vinte e quatro) ocorrências das orações hipotáticas adverbiais extraídas de 100 (Cem) redações do gênero Resposta Argumentativa.

A pesquisa que deu origem ao presente trabalho procurou investigar, sob a perspectiva do funcionalismo, se as funções textual-discursivas das orações hipotáticas adverbiais prestam-se à função argumentativa inerente ao gênero resposta argumentativa.

Conforme procedimentos de análise, em relação ao cruzamento entre o fator Tipo de Construção e Função textual-discursiva no desenvolvimento dessa pesquisa, a análise demonstrou a predominância da função de foco desempenhada pelas construções hipotáticas de causa e condição. A função de foco revela as intenções pragmáticas do produtor do texto, que, ao atribuir foco em uma determinada informação, pode desconsiderar o posicionamento de uma oração ou porção textual, pois a hipotaxe adverbial pode constituir-se como uma forma de avaliação/argumentação/realce por parte do falante/produtor sobre.

A função de guia para o leitor também foi recorrente e materializou-se juntamente com outras funções, como moldura e ponte de transição, sendo a função de guia a segunda maior ocorrência das funções textuais discursivas desempenhadas pelas construções hipotáticas temporais. A função de guia para o leitor fornece uma orientação para as informações seguintes e a de moldura marca um evento, uma asserção circunstancialmente. Por sua vez, a função de ponte de transição estabelece um elo entre o discurso precedente e o subsequente.

Sobre o cruzamento dos fatores tipo de construção e relação retórica, merecem destaque as relações de circunstância e de justificativa. A relação de circunstância, ao ser analisada, revelou-se eficaz na função de apresentar uma contextualização capaz de proporcionar uma melhor compreensão do conteúdo veiculado pela porção nuclear com a qual estabelece relação.

As ocorrências das relações de justificativa contribuíram na organização textual, além de favorecerem a argumentatividade do produtor do texto, visto que essas relações acrescentaram informações relevantes ao núcleo com o qual se relacionaram, além de se constituírem como mecanismo de grande poder argumentativo, o qual é capaz de apresentar ao interlocutor uma informação de destaque na sentença elaborada a partir da estratégia de focalização e, conseqüentemente, aprimorar a argumentação central aos propósitos do produtor do texto.

Por fim, o resultado do cruzamento dos fatores Função Textual-Discursiva x Posição no Texto revelou 14 ocorrências da função tópica, 5 de moldura e 7 da função de guia para o leitor na fase das premissas. Já na fase da apresentação dos argumentos, merecem destaque as 14 ocorrências da função focal, 12 de guia para o leitor, 10 de moldura e 5 ocorrências da função tópica. Com relação à fase dos contra-argumentos, agiram 8 funções de guia para o leitor e 3 de moldura. E, finalmente, a respeito da fase da conclusão ou da nova tese, destacamos 7 ocorrências da função de foco.

Ao término desta pesquisa, por meio dos resultados obtidos a partir do cruzamento dos fatores Tipo de construção, Função textual-discursiva, Relações retóricas e Posição no Texto, atingiu-se o objetivo inicial de identificar as Funções Textual-Discursivas desempenhadas pelas orações adverbiais e investigar se as funções textual-discursivas das orações hipotáticas adverbiais, ao se estabelecerem entre as porções textuais, poderiam constitui-se como recurso argumentativo ao gênero Resposta Argumentativa, uma vez que as orações adverbiais são opções organizacionais, cujo uso depende dos objetivos comunicativos do produtor do discurso. Nesse sentido, constatamos que é a partir das intenções comunicativas do falante que serão determinadas as funções textual-discursivas da hipotaxe adverbial.

## REFERÊNCIAS

ANTONIO, Juliano. Desiderato. **Estrutura retórica e articulação de orações em narrativas orais e em narrativas escritas do português**. Araraquara, 2004. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2004.

\_\_\_\_\_. **Estudos descritivos do português**: história, uso e variação. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

\_\_\_\_\_. O texto como objeto de estudo na linguística funcional. In: ANTONIO, Juliano Desiderato; NAVARRO, Pedro. (Org.). **O texto como objeto de ensino de descrição linguística e de análise textual e discursiva**. Maringá: EDUEM, 2009.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BUTLER, C. Functional approaches to language. In: BUTLER, C.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M.L.A. and DOVAL-SUÁREZ, S.M. (eds) **The Dynamics of Language Use: Functional and Contrastive Perspectives**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005, p. 3-17.

CHAFE, W. L. How People Use Adverbial Clauses. In: **Proceedings of the Tenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**, pp. 437-449. Disponível em <http://linguistics.berkeley.edu/bls/>, 1984.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1972.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. **Revista SériEncontros** (Descrição do português: abordagens funcionalistas), Araraquara, SP, Unesp, ano XVI, n. 1., p. 299-318, 1999.

\_\_\_\_\_. A Relevância da investigação dos processos linguísticos, numa abordagem funcionalista, para os estudos sobre os gêneros textuais. In: ANTONIO, J. D. (Org.). **Estudos descritivos do português**: história, uso e variação. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

\_\_\_\_\_. A hipotaxe adverbial em português: materializações e funções textual-discursivas. In: SIMPOSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LINGUA PORTUGUESA (II SIMELP), II, Évora, 2009. **Anais...** Évora, 2009, p. 113-121.

\_\_\_\_\_. Relações retóricas e funções textual-discursivas na articulação de orações no português brasileiro em uso. **Revista Calidoscópico**, Rio Grande do Sul, Unisinos, vol. 8, n. 3, p. 167-173, 2010.

DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**. (Part I: The structure of the clause). Dordrecht: Foris, 1989.

\_\_\_\_\_. Towards a functional Grammar of discourse. In: **The Theory of Functional Grammar**. ed. by Kees Hengeveld, 2. ed. Berlin; York: Mouton Gruyter, 1997.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. London: Edward Arnold Publishers, 1985.

GARCIA, O. M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1985.

\_\_\_\_\_. **Comunicação em prosa moderna**. Aprenda a escrever, aprendendo a pensar. 26. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HENGEVELD, K. The architecture of a Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. Á. **A new architecture for Functional Grammar** (Functional Grammar Series 24). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

\_\_\_\_\_. Dynamic expression in Functional Discourse Grammar. In: GROOT, C.; HENGEVELD, K. **Morphosyntactic expression in Functional Grammar** (Functional Grammar Series 27). Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

\_\_\_\_\_.; MACKENZIE, J. L. Functional Discourse Grammar. In: HEINE, B., NARROG, H. (ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: University Press, 1993.

MANN W. C.; THOMPSON. S. A. **Relational proposition in discourse**. California: University of Southern, 1983.

\_\_\_\_\_.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. **Text** – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse, v. 8., n. 3, p. 243-281, 1988.

\_\_\_\_\_.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) **Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992, p. 39-77.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros Textuais e Ensino**. DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs). Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. (Org.). 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTHIESSEN, C.; & THOMPSON. S.A. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. A. **Clause combining in Grammar and Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p. 275-329.

MENEGASSI, Renilson José. O leitor e o processo de ensino. In: GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T.B. (Org.). **Leitura: aspectos teóricos e práticos**. Maringá: EDUEM. 2010.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. **A gramática: história, teoria e análise, ensino**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Texto e gramática**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Reimpressão.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

ROJO, R. Gêneros do Discurso e Gêneros Textuais: Questões Teóricas e Aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 184-207.

SANTOS, J. A. **As relações retóricas no gênero resposta argumentativa: um estudo da superestrutura do gênero e da expressão linguística das relações**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Maringá - PR. Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

THOMPSON, S. Grammar and written discourse: initial vs. final purpose clause in English. **Text** – Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse, v. 5., p. 55-84, 1985.



## ANEXOS

### Definição das relações de acordo com a sua natureza

#### ANEXO A - Relações de apresentação

Definições das relações de apresentação			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Antítese	em N: A tem atitude positiva face a N	N e S estão em contraste (cf. a relação de Contraste); devido à incompatibilidade suscitada pelo contraste, não é possível ter uma atitude positiva perante ambas as situações; a inclusão de S e da incompatibilidade entre as situações aumenta a atitude positiva de L por N	A atitude positiva do L face a N aumenta
Concessão	em N: A possui atitude positiva face a N em S: A não afirma que S não está certo	A reconhece uma potencial ou aparente incompatibilidade entre N e S; reconhecer a compatibilidade entre N e S aumenta a atitude positiva de L face a N	A atitude positiva de L face a N aumenta
Elaboração	em N: apresenta uma acção de L (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S por L aumenta a capacidade potencial de L para executar a acção em N	A potencial capacidade de L para executar a acção em N aumenta
Evidência	em N: L pode não acreditar em N a um nível considerado por A como sendo satisfatório em S: L acredita em S ou considera-o credível	A compreensão de S por L aumenta a crença de L em N	A crença de L em N aumenta
Fundo	em N: L não compreende integralmente N antes de ler o texto de S	S aumenta a capacidade de L compreender um elemento em N	A capacidade de L para compreender N aumenta
Justificação	nenhuma	A compreensão de S por L aumenta a sua tendência para aceitar que A apresente N	A tendência de L para aceitar o direito de A a apresentar N aumenta
Motivação	em N: N é uma acção em que L é o actor (incluindo a aceitação de uma oferta), não realizada face ao contexto de N	A compreensão de S aumenta a vontade de L para executar a acção em N	A vontade de L para executar a acção em N aumenta
Preparação	nenhuma	S precede N no texto; S tende a fazer com que L esteja mais preparado, interessado ou orientado para ler N	L está mais preparado, interessado ou orientado para ler N
Reformulação	nenhuma	em N + S: S reformula N, onde S e N possuem um peso semelhante; N é mais central para alcançar os objectivos de A do que S	L reconhece S como reformulação
Resumo	em N: N deve ser mais do que uma unidade	S apresenta uma reformulação do conteúdo de N, com um peso inferior	L reconhece S como uma reformulação mais abreviada de N

Fonte: Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 05 jan. 2014.

#### ANEXO B - Relações de conteúdo

Definições das relações de conteúdo			
Nome da relação	Condições em S ou N, individualmente	Condições em N + S	Intenção do A
Alternativa (anti-condicional)	em N: N representa uma situação não realizada em S: S representa uma situação não realizada	realização de N impede a realização de S	L reconhece a relação de dependência de impedimento que se estabelece entre a realização de N e a realização de S
Avaliação	nenhuma	em N + S: S relaciona N com um grau de atitude positiva de A face a N	L reconhece que S confirma N e reconhece o valor que lhe foi atribuído
Causa involuntária	em N: N não representa uma acção voluntária	S, por outras razões que não uma acção voluntária, deu origem a N; sem a apresentação de S, L poderia não conseguir determinar a causa específica da situação; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	L reconhece S como causa de N
Causa voluntária	em N: N constitui uma acção voluntária ou mesmo uma situação possivelmente resultante de uma acção voluntária	S poderia ter levado o agente da acção voluntária em N a realizar essa acção; sem a apresentação de S, L poderia não perceber que a acção foi suscitada por razões específicas ou mesmo quais foram essas razões; N é mais importante do que S para cumprir os objectivos de A, na criação da combinação N-S	L reconhece S como a causa da acção voluntária em N
Circunstância	em S: S não se encontra não realizado	S define um contexto no assunto, no âmbito do qual se pressupõe que L interprete N	L reconhece que S fornece o contexto para interpretar N
Condição	em S: S apresenta uma situação hipotética, futura, ou não realizada (relativamente ao contexto situacional de S)	Realização de N depende da realização de S	L reconhece de que forma a realização de N depende da realização de S
Condição inversa	nenhuma	S afecta a realização de N; N realiza-se desde que S não se realize	L reconhece que N se realiza desde que S não se realize
Elaboração	nenhuma	S apresenta dados adicionais sobre a situação ou alguns elementos do assunto apresentados em N ou passíveis de serem inferidos de N, de uma ou várias formas, conforme descrito abaixo. Nesta lista, se N apresentar o primeiro membro de qualquer par, então S inclui o segundo: conjunto :: membro abstracção :: exemplo todo :: parte processo :: passo objecto :: atributo generalização :: especificação	L reconhece que S proporciona informações adicionais a N. L identifica o elemento do conteúdo relativamente ao qual se fornece pormenores
Incondicional	em S: S poderia afectar a realização de N	N não depende de S	L reconhece que N não depende de S
Interpretação	nenhum	em N + S: S relaciona N com várias ideias que não se encontram directamente relacionadas com N, e que não estão relacionadas com a atitude positiva de A	L reconhece que S relaciona N com várias ideias que não se encontram relacionadas com o conhecimento apresentado em N
Método	em N: uma actividade	S apresenta um método ou instrumento que tende a aumentar as probabilidades de realização de N	L reconhece que o método ou instrumento de S tende a aumentar as probabilidades de realização de N
Propósito	em N: N é uma actividade; em S: S é uma situação que não se encontra realizada	S será realizado através da actividade de N	L reconhece que a actividade em N se inicia para realizar S
Resultado	em S: S não representa uma	N causou S; a apresentação de N é mais	L reconhece que N poderia ter

involuntário	acção voluntária	importante para cumprir os objectivos de A, ao criar a combinação N-S, do que a apresentação de S	causado a situação em S
Resultado voluntário	em S: S constitui uma situação ou acção voluntária possivelmente resultante de uma acção voluntária	N pode ter causado S; a apresentação de N é mais importante para cumprir os objectivos de A do que a apresentação de S	L reconhece que N pode ser uma causa da acção ou situação em S
Solução	em S: S apresenta um problema	N constitui uma solução para o problema apresentado em S	L reconhece N como uma solução para o problema apresentado em S

Fonte: Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 05 jan. 2014.

## ANEXO C - Relações multi-nucleares

Definições das relações multi-nucleares		
Nome da relação	Condições em cada par de N	Intenção de A
Conjunção	Os elementos unem-se para formar uma unidade onde cada um dos elementos desempenha um papel semelhante	L reconhece que os elementos inter-relacionados se encontram

		em conjunto
Contraste	Nunca mais de dois núcleos; as situações nestes dois núcleos são (a) compreendidas como sendo as mesmas em vários aspectos (b) compreendidas como sendo diferentes em alguns aspectos, e (c) comparadas em termos de uma ou mais destas diferenças	L reconhece a possibilidade de comparação e a(s) diferença(s) suscitadas pela comparação realizada
Disjunção	Um dos elementos apresenta uma alternativa (não necessariamente exclusiva) à(s) outra(s)	L reconhece que os elementos inter-relacionados constituem alternativas
Junção	nenhuma	nenhuma
Lista	Um elemento comparável a outros e ligado a outro N através de uma relação de Lista	L reconhece a possibilidade de comparação dos elementos relacionados
Reformulação multi-nuclear	Um elemento constitui, em primeiro lugar, a repetição de outro, com o qual se encontra relacionado; os elementos são de importância semelhante aos objectivos de A	L reconhece a repetição através dos elementos relacionados
Sequência	Existe uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos	L reconhece as relações de sucessão entre os núcleos

Fonte: Disponível em: <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>. Acesso em: 05 jan. 2014.